



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

ESCOLA DE LETRAS

**“Seguindo com Donna Haraway e o incômodo no Cthuluceno, através da
Fabulação Especulativa para uma sobrevivência terráquea: Estórias de Camille”**

Fabiana Sarti

Rio de Janeiro

2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO –
UNIRIO CENTRO DE LETRAS E ARTES**

ESCOLA DE LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - BACHARELADO

**“Seguindo com Donna Haraway e o incômodo no Cthulhuceno, Fabulação
Especulativa para uma sobrevivência terráquea: Estórias de Camille”**

FABIANA SARTI

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à banca examinadora como um
dos requisitos para obtenção do Grau de
Bacharel em Letras, realizado sob orientação
da Professora Doutora Ana Carolina Sampaio Coelho

RIO DE JANEIRO

FEVEREIRO DE 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE
JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – BACHARELADO

**Seguindo com Donna Haraway e o incômodo no Cthuluceno, através da
Fabulação Especulativa para uma sobrevivência terráquea: “Estórias de Camille”**

FABIANA SARTI

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ana Carolina Sampaio Coelho / ORIENTADORA

Banca- Prof. Dr. Fernando Silva e Silva / AVALIADOR

RIO DE JANEIRO

FEVEREIRO 2022

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao meu filho, Ariel. Foi ele que me incentivou a fazer a faculdade que eu, ainda adolescente, deixei de cursar para ser médica. Ele me apoiou gentilmente e me ajudou a prosseguir com sua maturidade de jovem precoce nos momentos mais difíceis em que a vida me atirou.

Dedico também a você que se interessou em ler, mesmo que somente em parte, o que está escrito aqui. Acredito que as vozes atuais e ancestrais que tomei de empréstimo para elaborar essa monografia precisam ser ouvidas porque são de tremenda importância para o presente e o futuro não só da humanidade, mas do planeta. Muito obrigada por ler!

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Willy e Maria Helena que nunca soltaram minha mão.

Ao meu filho Ariel a quem dediquei meu bacharelado e minha vida.

Ao meu marido Roberto que ofereceu apoio logístico durante todo o meu percurso.

À minha querida amiga Maria Isabel Câmara Lemos que me apoiou nos momentos difíceis.

À minha orientadora Profa. Dra. Ana Carolina Sampaio Coelho que me inspirou na escolha do tema e me guiou através do processo com sabedoria e carinho, através de sua paciência e delicadeza de alma.

Ao Prof. Dr. Fernando Silva e Silva que gentilmente aceitou o convite para avaliar essa monografia com sua experiência maravilhosa no assunto, e sua compreensão ao mesmo tempo profunda e ampla das necessidades do nosso tempo.

Ao grupo de estudos “Ser em Rede” pelas discussões sempre enriquecedoras.

RESUMO

Esta monografia de bacharelado em Letras e Artes investiga o ato de escrever como uma contribuição potencialmente efetiva para as ciências no que diz respeito ao acesso às questões climáticas e sociais pertinentes ao planeta. Donna Haraway, Ursula Le Guin e Anna Tsing entre outros autores, compõem parte das referências fundamentais deste estudo. O livro *Staying with the trouble: Making kin in the Chthuluceneⁱ* (2016), com foco particular no capítulo oito, “Camille Stories”, é utilizado como referência para a prática de fabulação especulativa. A monografia tem como um dos principais objetivos propor a introdução de fabulação especulativa em todos os níveis escolares, desde a proposta de uma disciplina opcional em cursos universitários, até o formato de oficina em ambientes não formais de aprendizagem. Percebe-se que a fabulação especulativa é uma alternativa para reunir conhecimentos de diferentes origens visando especular tema e contar histórias de modo a alcançar sucesso numa contribuição para uma sobrevivência terráquea.

Palavras-chave: Chthuluceno, Antropoceno, Fabulação Especulativa, Figuras de corda, Ecologia, Bolsa de Transporte de Ficção.

ABSTRACT

This undergraduate final project in Literature and Arts, investigates the act of writing as a potentially effective contribution towards science in regards of accessing and aiding the planet concerning climate and social issues. Donna Haraway, Ursula Le Guin and Anna Tsing and other authors inspired these studies. The book *Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene* (2016), encourages the practice of speculative fabulation with a particular focus on chapter eight, “Camille's Stories”. One of this monograph’s major goals is to introduce the practice of speculative fabulation adapted to all school levels as an optional subject and also outside the academic environment as an informal workshop. It is noted that fabulative especulation presents an alternative towards bringing together knowledge from different origins in order to speculate themes and tell stories to achieve success towards earthy survival.

Keywords: Chthulucene, Anthropocene, Fabulative Especulation, Rope Figures, Ecology, Carrier Bag Theory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Teoria da Endossimbiose.

Figura 2. Transfecção com plasmídeo.

Figura 3. Jogo de Figuras de Corda/Barbante – abertura na “Cama-de-Gato”.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVA- Ambiente Virtual de Aprendizagem

FE- Fabulação Especulativa

OFE- Oficina de Fabulação Especulativa

REA- Recurso Educacional Aberto

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. CAPÍTULO 1: Introdução aos antecedentes de Donna Haraway	14
1.1 Um breve apanhado sobre a consciência ecológica no século XX	14
1.2 Formação do Pensamento de Donna Haraway.....	20
1.3 Glossário de expressões Harawayanas.....	23
2. CAPÍTULO 2 :A Ciência e a Fabulação Especulativa	49
2.1 Uma breve história da separação entre as “Ciências”.....	49
2.2 A busca pela Ciência original.....	51
2.3 A busca pela Ciência atual.....	52
2.4 A Fabulação Especulativa (FE).....	55
2.5 Terrapolis e “As Estórias de Camille: crianças da composteira”.....	62
2.6 Breves considerações sobre “As Estórias de Camille: crianças da composteira”	64
3. CAPÍTULO 3: Semear mundos através dos sonhos na prática da fabulação especulativa	72
3.1 O ensino como prática e suas repercussões: proposição.....	72
3.2 Estrutura das oficinas de escrita e possíveis técnicas a serem aplicadas.....	76
3.3 Proposta pedagógica.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
ANEXOS	88

INTRODUÇÃO

Este trabalho de Bacharelado nasceu do interesse sobre as questões mais prementes da atualidade como as questões ecológicas, de gênero, de etnia e sociais em geral, mas principalmente com relação à questão climática cuja transformação vem piorando todas as outras condições de existência e sobrevivência dos seres do planeta Terra. Donna Haraway é uma escritora e ativista que está em sintonia com tudo isto e que trouxe muitas ideias para a discussão do que se pode fazer a respeito.

É necessário esclarecer que não existe aqui a intenção de abordar os trabalhos reunidos de toda a vida de Donna Haraway e nem mesmo de todo o livro que foi usado para elaborar esta monografia. O foco está voltado para um único capítulo que envolve fabulação especulativa, e nas ideias desta autora naquilo que diz respeito aos objetivos deste trabalho que serão apresentados adiante.

O pensamento de Donna Haraway e o capítulo oito do livro *Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene* (2016), que conta *The Camille Stories* ou “As Estórias de Camille”, foram a inspiração para a elaboração desta monografia de conclusão do curso de Bacharelado em Letras. Assim como a autora, minha primeira graduação foi na área de Biologia, em Medicina, e ao lê-la senti que havia uma ressonância com minhas impressões pessoais sobre o planeta e seus habitantes, e com relação à contação de histórias.

Depois de ler seus textos e discutir com um grupo de estudos da Faculdade de Letras da UNIRIO, chamado “Ser em rede”, a monografia começou a tomar forma. Donna Haraway vê na escrita uma poderosa ferramenta para contar as histórias que podem inspirar pessoas de qualquer idade ou habilidade a fazer algo para mudar a situação crítica que o ser humano, melhor dizendo, que o homem do período conhecido como Antropoceno provocou no planeta.

O potencial de uma boa história ou estória em modificar hábitos e obter cooperação individual e coletiva de seres humanos, se utilizada de forma eficaz, pode fomentar a discussão em grupos variados, agregando ideias e atitudes positivas com relações às questões em pauta. Portanto, é possível supor que as pessoas ouvirem e contarem histórias umas às outras pode ser um método eficaz para introduzir informações com relação aos efeitos do Antropoceno.

Donna Haraway passou pela experiência de escrita coletiva que deu origem ao capítulo oito de *Seguindo com o incômodo e fazendo parentesco no Chtuluceno* (2016), livro que inspirou esta monografia e que constitui um apanhado do pensamento geral da autora, desde seu primeiro texto publicado quando finalizou seu mestrado.

Neste livro há um enfoque que privilegia as principais questões de cada texto, artigo ou livro já escrito, além do último capítulo que traz a especulação fabulativa na forma de “As Estórias de Camille”.

No primeiro capítulo ela explica como é a ideia de jogar o jogo de fazer figuras-de-corda, que faz parte da prática de contar histórias de múltiplas espécies com espécies companheiras e as práticas associadas a isso.

No segundo capítulo ela elabora o que é o pensamento tentacular, como ele funciona e explica o que é o Antropoceno, Capitaloceno e Chthuluceno. Faz um percurso rápido e crítico sobre o que envolve a existência desses três últimos termos e como age o pensamento tentacular.

No terceiro capítulo ela se detém na Simpoiese, simbiogênese e nas artes vivas de seguir com o incômodo. Ela explica a endosimbiose e comenta acerca da teoria da evolução citando exemplos.

No quarto capítulo ela demonstra a maneira de fazer parentes, em especial parentes improváveis, insuspeitados dentro do Antropoceno, Capitaloceno e Chthuluceno.

No quinto capítulo ela conta a história de como hormônios estavam sendo usados através da coleta de urina de espécies companheiras, como as éguas, e qual a responsabilidade de fazê-lo.

No sexto capítulo ela fala sobre semear mundos, em como ter uma sacola de sementes para praticar a terraformação com outros seres terráqueos. Ela cita a ficção científica ou ficção especulativa de Ursula Le Guin que lhe proporcionou uma ferramenta importante para o seu trabalho.

No sétimo capítulo ela descreve a curiosa prática de ouvir, estar e pensar com outros seres sem ideias pré-concebidas para genuinamente aprender com eles.

O oitavo capítulo é todo sobre as “Estórias de Camille” que é a inspiração para a fabulação especulativa, objeto dessa monografia e que será abordada em maior detalhe depois.

A ideia de escrever esta monografia progrediu com foco nas questões climáticas e sociais, quando considerei que estas poderiam ser abordadas através da escrita coletiva, ou mesmo individual, no âmbito da especulação fabulativa. Diante dessa possibilidade, nasceu a intenção de levar essa prática ao maior número de interessados possível.

O potencial de uma boa história ou estória em modificar hábitos e obter cooperação individual e coletiva de seres humanos, se utilizada de forma eficaz, pode fomentar a discussão em grupos variados, agregando ideias e atitudes positivas com relações às questões em pauta. Portanto, é possível supor que pessoas que ouvirem e contarem histórias umas às outras pode ser um método eficaz para introduzir informações, por exemplo, com relação aos efeitos climáticos do Antropoceno e outros temas.

Foi necessário pensar em uma abordagem, no âmbito da educação formal ou informal, que pudesse funcionar com adaptações voltadas aos alunos e suas condições logísticas para a realização da prática da escrita de fabulação especulativa. A intenção é incluir no mesmo grupo pessoas de disciplinas diferentes dentro de uma mesma instituição de educação, reunindo as Ciências chamadas hoje de: Exatas, Biológicas e Humanas. No contexto informal, não acadêmico, as adaptações necessárias poderiam ser feitas livremente procurando manter as características originais dentro do possível. No capítulo três desta monografia essa possibilidade de informalidade é levada em consideração e há um exemplo em copyleft, no final, na seção ANEXOS.

A escolha de Haraway como base destes estudos se deu pelo fato de que ela demonstra preocupação com o presente e com o futuro de todos os seres que navegam o espaço em que estamos acolhidos neste planeta, o qual merece retribuição plena de consideração por parte da espécie humana. Ela se preocupa com as atitudes que levam a situações complicadas que se repetem em ciclos continuamente, com resultados que não contemplam o bem-estar dos habitantes do planeta. Essa é a referência à cobra que continuamente engole a própria cauda e o símbolo dela é o Ouroboros. A preocupação com os conceitos, ideias, histórias e atitudes é uma constante em seus escritos.

Devemos lembrar que não há necessariamente como ter em vista o bem-estar de todos, mas é possível levar em consideração suas condições de vida e de morte, embora existam seres e modos de vida que podem ser indesejáveis em determinadas circunstâncias a serem consideradas nas escolhas que fazemos.

Para Donna, a contação de histórias ou estórias é de muita importância nesse processo, pois deseja que possamos pensar juntos e fazer escolhas que estejam integradas com as necessidades dos seres envolvidos na produção do texto e de seus personagens. A busca do aprofundamento no pensamento dela passa pela experiência prática que produziu essa contação de estórias, e também pelo entendimento do conceito de fabulação especulativa. Esse é o recorte que foi feito nesta monografia dentro da experiência da escrita do capítulo oito, “As Estórias de Camille”, trabalho realizado por ela e mais dois colegas . A citação abaixo reflete aspectos do pensamento da filósofa e bióloga que demonstram suas ideias nesse contexto:

Importa que histórias nós usamos para contar outras histórias; importa com quais conceitos pensamos para pensar outros conceitos. É importante saber como e quando o Ouroboros engole sua cauda, novamente. É assim que os mundanos se resolvem durante o tempo dragônico. Estes são *koans* tão simples e difíceis; vamos ver que tipo de descendência eles geram. (HARAWAY: 2016, p.118)

No capítulo oito de *Seguindo com o incômodo e fazendo parentesco no Chtulhuceno*(2016), Haraway descreve uma experiência literária coletiva da qual participou. Esta experiência envolveu a criação de novos mundos com seres diferentes dos que hoje encontramos no planeta, visando pensar possibilidades alternativas de coexistência entre a espécie humana e o meio ambiente em que se encontra. Em 2013, convidada pela filósofa Isabelle Stengers, Haraway compareceu à oficina de Fabulação especulativa, juntamente com Vinciane Despret filósofa e psicóloga, professora associada da Universidade de Liège e também Fabrizio Terranova, ativista, cineasta e dramaturgo na *École de Recherche Graphique* em Bruxelas. Este Simpósio ocorreu num castelo em Cerisy, cidade onde há um Centro Cultural Internacional que promove colóquios e atividades culturais e acadêmicas. Nessa ocasião, eles escreveram “As Estórias de Camille”(tradução) através de uma ação conjunta e colaborativa, onde os três produziram um texto de ficção ou fabulativo, também nomeado como: ficção experimental, ou de teste. Essa fabulação é especulativa e aborda aspectos inéditos e

alternativos da realidade no âmbito das relações humanas com os outros seres vivos que são parte da construção do meio ambiente narrado.

Essa reunião de fabulação especulativa com Vinciane Despret e Fabrizio Terranova, para escrever as “Estórias de Camille”, demonstrou que esta atividade pode ampliar e aguçar a percepção dos envolvidos através da troca de conhecimentos entre as diferentes áreas de saber e também potencializar a solução de questões através da sinergia de pensamentos focalizados num mesmo ponto, como uma lupa sob o sol. A lupa seria a prática de escrita na forma de fabulação especulativa e os sóis as mentes envolvidas.

Pretende-se trazer como proposta de estudo para a área de Letras, e também para outras áreas, a discussão em torno do meio ambiente e desafios de existência, coexistência e resistência, dentro da característica do pensamento Harawayano. A autora desenvolve raciocínios que não são composições sequenciais como as de vagões de trem, nem mesmo raízes que sobem para formar o tronco e as copas das árvores, mas tentáculos altamente conectados e permeados por uma forte transdisciplinaridade ao abordar as formas de existir no planeta.

O objetivo deste trabalho é analisar como o livro *Seguindo com o incômodo e fazendo parentesco no Chtulhuceno (2016)* pode ser incluído no currículo das universidades, e em outros níveis acadêmicos e não acadêmicos através da fabulação especulativa presente no capítulo oito e do pensamento crítico de Donna Haraway. Pretende-se, com isso, introduzir um exemplo de modos tentaculares de abordagem que ampliem a possibilidade de criação de narrativas interdisciplinares, multi e transdisciplinares, incentivando assim, a escrita especulativa na Universidade, nos Ensinos Fundamental e Médio e em ambientes não formais de aprendizagem.

A proposição continua com a ideia de introduzir a escrita coletiva e interativa, realizada através de cursos e oficinas por pessoas de áreas de conhecimentos diversos, cujo objetivo seria discutir e especular sobre a relação dos problemas dos habitantes e meio ambiente deste milênio que causam tensão entre as diferentes formas de vida. Assim, janelas de ampliação da compreensão e criações de propostas de interação entre os seres e o meio seriam oferecidas e propiciariam modos novos ou mesmo resgatariam modos antigos que se adaptem ao contexto, de forma a gerar um universo de opções a

serem consideradas durante o processo de cooperação, co-habitação e coexistência na formação de mundos ou mundificação.

A fabulação especulativa na escrita coletiva está dentro da proposição de Donna Haraway de que os saberes misturados e as mentes em suas peculiaridades pensando juntas podem engendrar sonhos e escrever histórias, que tragam modos inovadores ou releituras ancestrais, para viver-com o mundo em qualquer condição que estiver sem desistir dele. Este trabalho pretende co-operar com esse método, disseminando-o.

É um trabalho realizado a partir de pesquisa bibliográfica que inclui muitos autores que influenciaram Donna Haraway como Anna Tsing e Ursula Le Guin, que formulou o conceito de “*Carrier Bag Theory*” ou Teoria da Bolsa de Transporte de Ficção (publicado como livro em 2019), e que envolve também o conceito do uso de conteúdo multi, inter e transdisciplinar.

O primeiro capítulo, envolve uma contextualização do pensamento de Donna Haraway, apresentando sua vida, estudos, preferências e trabalhos. Ainda neste capítulo, é abordada a evolução do pensamento ecológico a partir do século XX e é apresentado um breve glossário contendo as principais palavras e expressões usadas no livro *Seguindo com o incômodo e fazendo parentesco no Chtulhuceno* que possam trazer questionamentos ao leitor, incluindo uma abordagem mais aprofundada sobre a Bolsa de Transporte de Ficção de Ursula Le Guin.

No segundo capítulo, há um apanhado geral de como a ciência dividiu-se em ciências no decorrer do tempo e quais as consequências disso. Na sequência, a fabulação especulativa é apresentada no contexto da escrita a partir dos séculos XIX e XX, como fonte de ideias que usam o caos e o sonho para produzir histórias ou estórias incomuns, repletas de potencial para apreciação e eventualmente experimentação prática. E por fim, Terrápolis é descrita juntamente com um resumo dos pontos mais importantes das “As Estórias de Camille”.

A ideia que será desenvolvida no terceiro capítulo é como podemos usar essa técnica da Bolsa de Transporte de Ficção dentro dos grupos de escrita coletiva para introduzir a prática de mundificação através das histórias. O método inclui a visão da Bolsa de Le Guin, o pensamento tentacular de Haraway, a adoção do pensamento

coletivo de diferentes áreas de conhecimento e técnicas de facilitação da experiência adaptadas para as especificidades dos alunos.

Faz parte deste trabalho trazer como proposta de estudo para a área de Humanidades a discussão em torno do meio ambiente dentro da característica do pensamento Harawayano, onde não se foge do problema, mas, fazemos o melhor dentro da convivência com ele para resgatar os parentescos perdidos e fazer novos entre os seres, e prevenir novas consequências nocivas além das que já existem. Mais do que nunca, a humanidade necessita de mentes criativas que estejam dispostas a explorar e desenvolver meios que nos permitam habitar as questões mais complexas que enfrentamos agora e que enfrentaremos no futuro. Com diligência e perseverança é necessário efetivamente mitigar danos e solucionar problemas.

CAPÍTULO 1: Introdução aos antecedentes de Donna Haraway

1.1 Um breve apanhado sobre a consciência ecológica no século XX

Desde a antiguidade, estudiosos têm voltado seus pensamentos para a relação do ser humano com o meio em que habita. O filósofo Aristóteles, passando por Lineu e tantos outros naturalistas, discutiram este assunto que foi analisado a partir de diversas abordagens. Porém estes acadêmicos, filósofos, antropólogos, biólogos, teólogos dentre muitas áreas diferentes de estudo, não desenvolveram o conceito de Ecologia como a conhecemos hoje, mas produziram tratados e textos onde registraram suas observações e preocupações com as consequências que as atividades humanas vinham trazendo ao meio ambiente através dos tempos. No final do século XIX e início do século XX, com a Revolução Industrial em andamento, os avanços tecnológicos foram surgindo e se multiplicando com grande rapidez. Atrélada a eles veio a demanda por recursos naturais com a escalabilidade crescente que vem preocupando cientistas e pensadores em geral fazendo surgir a Ecologia como ciência.

Pascal Acot, historiador francês nascido em 1947, escreveu *História da Ecologia*, publicado em 1990, esclarece por que a Ecologia como a conhecemos hoje, só foi conceituada no início do século XX. Ele escreveu sobre a história das ciências ambientais, a influência dos fatores biológicos e sociais na origem do homem e descreveu a história do clima e o nascimento da climatologia. Ele diz:

Essas concepções modernas só aparecerão nos anos 1920, com a prática efetiva de uma nova disciplina da ecologia, a *biocenótica*, saída da introdução, em 1877, do conceito de *biocenose*. É esse ressurgimento recente da problemática lineana do equilíbrio da natureza que explica a filiação estabelecida por Stauffer. Mas trata-se de uma filiação historicamente falsa: nem Lyell, nem Darwin, nem Haeckel (que entretanto cunha, em 1866, o vocábulo "ecologia"), desempenham um papel importante no processo histórico real de constituição da ecologia. (ACOT:1990, p.04).

Os problemas gerados pela ação predatória do homem frente ao que consideravam recursos naturais disponíveis surgiram numa relação de causa e efeito indiscutível. Inúmeros trabalhos de pesquisa e livros foram produzidos a fim de alertar sobre o potencial destrutivo da atividade humana no meio ambiente, mas não foi o suficiente para uma tomada de ação efetiva por todos os envolvidos, fossem eles os perpetradores do processo ou defensores da recuperação e retomada de atividades de preservação. Muitos escritores da área de Ciências da Natureza, Tecnologia e Filosofia

como Alfred North Whitehead, filósofo, matemático e teólogo britânico do qual falaremos mais no capítulo dois, e George Evelyn Hutchinson, zoólogo, também britânico, considerado o pai da Ecologia Moderna, vislumbraram o futuro catastrófico que já era possível prever a partir dos dados iniciais coletados ainda no início do século XX.

Whitehead e Hutchinson foram de influência fundamental na formação e carreira de Donna Haraway. Podemos identificar a influência do pensamento de ambos em textos e discursos da pesquisadora, estabelecendo elos entre o posicionamento pessoal da autora diante de temas abordados por eles e através das referências que ela faz ao pensamento de ambos. Na obra publicada originalmente em 1925, *A Ciência e o Mundo Moderno*(2006), Whitehead descreve a situação de escalabilidade que ocorre no meio onde um organismo micro ou macroscópico pode florescer de forma harmoniosa ou patológica:

Um dos modos mais simples de envolver um ambiente favorável em concorrência com o desenvolvimento do organismo individual é o de que a influência de cada organismo no ambiente deve ser favorável à duração de outros organismos do mesmo tipo. Além disso, se o organismo também favorece o "desenvolvimento" de outros organismos do mesmo tipo, então obteremos um mecanismo de evolução adaptado a produzir o estado observado de grandes multidões de entidades análogas, com altos poderes de duração, pois o ambiente desenvolve-se automaticamente com a espécie, e a espécie com o ambiente. (WHITEHEAD: 2006, p.140)

Um bom exemplo dessa condição é o aparecimento de fungos nas paredes do banheiro onde há umidade e calor em quantidade suficiente para que possam ter um padrão de reprodução maior e mais rápido do que num ambiente ventilado, seco e mais frio. Ou seja, o calor úmido desenvolve-se juntamente com o fungo e vice-versa. Esses microrganismos trabalham para manter o calor úmido visando conservar o meio ambiente propício à sua existência.

G.E. Hutchinson, cientista que pertence a uma geração posterior à de Whitehead, retoma as questões iniciais propostas pelos primeiros estudiosos da natureza como Aristóteles, Lineu, Stauffer e Haeckel. E procura estudar não apenas sob o ponto de vista da evolução das espécies como Darwin, mas também da interação entre a

espécie humana e o meio ambiente que para ele começa a se delinear em sua complexidade interativa e interdependente. Ele afirma:

A complexidade das comunidades tem fascinado naturalistas anteriores à Darwin, que as descreveu de modo clássico. Só recentemente tornou-se evidente a riqueza de relações quantitativas que pode ser vista na complexidade estrutural. Teorias extraordinárias de diversos tipos, algumas das quais se mostraram de considerável valor em estudos empíricos, foram desenvolvidas para lidar com este tipo de problema, embora ainda tenhamos muito a aprender.(HUTCHINSON: 1965, p.932)

O que Hutchinson afirma, complementa a ideia de Whitehead no sentido de que as comunidades de qualquer tipo e escala estão em relação com o meio e conectadas com outros organismos, que pertençam ou não a elas, através de uma complexa e rica rede de interações em inúmeras configurações e características diversas.

Na época de Whitehead e Hutchinson, apesar da preocupação de muitos cientistas, não houve a devida divulgação, nem publicação em um formato adequado para que as pessoas leigas pudessem compreender os riscos da exploração de recursos naturais, num momento em que ainda havia a possibilidade de contenção de danos que hoje são praticamente irreversíveis. Este material inicialmente divulgado entre pares teve pouco alcance, para conveniência daqueles interessados em manter o *status quo*, de modo que essa discussão acabou permanecendo restrita à esfera acadêmica durante a primeira metade do século XX. A ecologia enquanto ciência é um ramo da Biologia estuda as relações entre os seres vivos e o meio ambiente onde vivem, bem como a influência que cada um exerce sobre o outro, e que evoluiu em direção a diferentes abordagens. Já a ecologia ambientalista é uma das abordagens da ecologia tradicional que estuda o homem em relação à sua ação que causa impactos ao meio ambiente tendo por objetivo abordar problemas específicos desta interação para conter, impedir e minimizar danos.

No Brasil, o processo de reconhecimento da ecologia como ciência foi lento e progrediu graças aos esforços de pesquisadores, que estiveram sempre muito empenhados em proteger os biomas e ecossistemas, ameaçados desde a chegada dos portugueses no continente.

As relações de parentesco entre as pessoas já não carregam o mesmo significado embora a humanidade pertença toda a uma só espécie. Esperar que o ser humano preserve a natureza se não preserva a integridade de seus parentes de primeiro grau na escala filogenética seria ingenuidade. Não há como imaginar que uma espécie que intoxica e depreda a si mesma tenha uma atitude adequada diante de outras espécies. O respeito ao direito comum e pessoal deu passagem a um modo de vida onde o consumo e o poder estão tão entrelaçados que se sobrepõe aos valores mínimos para uma convivência saudável e ética entre os seres. Mesmo sob ameaça de crises ambientais sem precedentes que podem resultar na sua extinção, o ser humano não consegue renunciar ao mínimo necessário para restabelecer condições aceitáveis de equilíbrio para com a natureza. Em seu livro, *As três Ecologias* (1990), o filósofo, psicanalista, semiólogo, roteirista e ativista revolucionário francês Félix Guattari discorre sobre como as atitudes do ser humano provocaram um impacto significativo não somente na natureza, no clima e no planeta em geral, mas também nas inter-relações humanas.

O planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a vida em sua superfície. Paralelamente a tais perturbações, os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente “ossificada” por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas à sua mais pobre expressão... (Guattari:1990, p.7)

A situação progrediu para proporções tão alarmantes que hoje é necessária uma campanha contínua para reduzir o impacto das atividades humanas no meio ambiente. A ação predatória já se encontra profundamente enraizada nos hábitos e demandas da população em geral tornando difícil convencer as pessoas da realidade sombria para a qual as condições do planeta vão caminhando no momento. A cada novo desastre climático, mais evidentes vão se tornando essas condições, e mesmo que muitas pessoas estejam aderindo à comportamentos mais adequados a uma condição de sustentabilidade na Terra, o processo de destruição já está em andamento com a acelerada degradação dos ecossistemas.

No ano de 1992 houve um grande encontro internacional na cidade do Rio de Janeiro para debater as questões ambientais, a “Conferência das Nações Unidas sobre o

Meio Ambiente e Desenvolvimento”. Essa reunião, à qual compareceram mais de 130 líderes mundiais, cientistas e ativistas, ficou conhecida como ECO-92 ou Rio-92. Na ocasião, foi elaborado um documento relatando a situação em que o planeta se encontrava sob o ponto de vista ecológico. O objetivo era avaliar quais os progressos haviam sido alcançados na mitigação de danos e quais os problemas que perduravam naquele momento. Outros documentos foram elaborados para que acordos de cooperação fossem firmados no sentido de obterem um comprometimento entre todos os presentes em direção a uma meta de estabilização dos danos e propostas de reversão dos problemas ecológicos enfrentados até então.

Em 2019, a ativista global pelo clima e ganhadora do Prêmio Nobel da Paz pela iniciativa, Greta Thunberg, incentivou milhões de adolescentes a fazerem um dia de greve escolar semanal, geralmente às sextas-feiras, direcionando seu apelo aos líderes mundiais para que ouvissem os jovens, os quais serão os herdeiros da crise ecológica em andamento. O objetivo deles era, com esta greve, chamar a atenção dos governantes e pressionar os líderes mundiais em todas as esferas de poder para que medidas fossem urgentemente tomadas com relação ao futuro climático do planeta.

Infelizmente, apesar de todos os esforços e protestos, pouco se fez a respeito do problema e o agravamento desta crise continua aumentando e trazendo consequências desastrosas que impedem ou dificultam a própria existência de vida em muitas áreas geográficas que, antes eram perfeitamente habitáveis dentro de um ecossistema que um dia já foi equilibrado. Há refugiados do clima em migração para regiões do planeta onde a situação climática é menos hostil, sob o ponto de vista de subsistência, apesar do aquecimento global e da perda de recursos naturais ser um fenômeno geral. Geograficamente, não há muitos locais disponíveis que contem com abundância dos recursos que estão em falta. Aqueles que ainda estão numa situação menos desfavorável não conseguem absorver a enorme parte dos seres vivos do planeta, que estão sendo lesados, expulsos e mortos em seus locais nativos através da precariedade das condições necessárias à sobrevivência. Isso é válido tanto em termos da espécie humana como de todas as outras espécies, muitas das quais já estão extintas devido à essa condição.

No ano de 2021, aconteceu a 26ª Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP26), em Glasgow, na Escócia. Mais de duzentos países se reuniram para discutir as condições ambientais e se comprometerem com ações

eficientes para reduzir os fatores que agravam a deterioração da situação climática em rápido progresso no planeta. Infelizmente, o documento chamado de "Pacto de Glasgow para o clima", assinado por cerca de duzentos países, causou uma enorme decepção. Os países que mais contribuem para a condição de poluidores pressionaram para que no acordo houvesse uma mudança de termos que lhes garantisse a possibilidade de adiar medidas mais severas dentro de seus territórios. Desse modo, tornou-se mais improvável que a humanidade consiga alcançar as metas de controle de poluentes e uma redução da pegada de carbono (gases que promovem o aquecimento global provenientes das atividades humanas) que impeça a subida da temperatura do planeta para níveis completamente inaceitáveis, colocando em risco a existência de outros povos. Apesar da desaprovação geral, não houve meio de melhorar esse acordo, pois não é do interesse de países que atendem a uma lógica produtivista no capitalismo de exploração, diminuir sua margem de lucro e hegemonia financeira no cenário internacional, pois teriam que abandonar práticas predatórias, extrativistas e nada ecológicas. Assim sendo, podemos esperar problemas climáticos ainda maiores advindos dessa decisão no futuro próximo.

Especular e fabular podem fazer parte do processo de mitigação desse processo. Donna Haraway é de muita importância nessa iniciativa, não só por suas ideias, mas também por suas ações. Suas palestras, livros e artigos atraem mentes interessadas em colocar em prática o que já existe e o que for fabulado. Pode-se especular com o inventado na ficção ou resgatado das tradições, para que seja de fato concretizado, no sentido de reverter o rumo degenerativo que o planeta tomou, redirecionando-o à uma restauração habitável.

1.2 Formação do Pensamento de Donna Haraway

É importante que conheçamos a ambientação em que o pensamento da autora floresce e dá frutos. Há muitos autores de ficção e não ficção cuja biografia pouco acrescenta à experiência da leitura. No caso de Donna Haraway enriquece muito, pois ajuda a contextualizar as inúmeras referências com que ela constrói suas teorias. Ela é uma leitora eclética e ativa que navega até hoje de forma interdisciplinar para aquisição de conhecimento que a auxilie a construir suas ideias. O caráter multidisciplinar da sua forma de pensar potencializa a pesquisa inventiva e com amplo espaço para a especulação. Em meio às crises que o planeta enfrenta na esfera climática, social, política e econômica, faz-se necessário que modos inventivos sejam utilizados para abordar essas questões. Justifica-se portanto detalhar sua formação para mostrar mais à frente, também, a necessidade de cursos que tenham uma maior abertura para o trânsito entre os outros saberes e, no terceiro capítulo, à proposição pertinente a este assunto nesta monografia.

Donna foi adolescente nos anos 1950, época em que perdeu sua mãe, e uma universitária engajada na contracultura americana do estado da Califórnia onde nasceu. Pertence à geração Beat que se opôs à Guerra no Vietnã, ao consumismo desenfreado e patriotismo exacerbado do pós-guerra americano. O feminismo tomava novo impulso com a invenção da pílula anticoncepcional, a luta pelo direito ao aborto e à obtenção do divórcio judicial. E ela se tornou uma pensadora dos estudos feministas da ciência dentro de um contexto marxista-feminista. Os movimentos antiapartheid e antirracismo também cresciam e adotavam posturas de enfrentamento pacífico das injustiças sociais. As questões de gênero e raça também entraram nessa quebra de inúmeros paradigmas ultrapassados e revistos através da ciência e do ativismo feminista da autora e de suas colegas. Pertenceu à uma juventude pioneira que lutou também contra a segregação racial, contra as desigualdades sociais e a favor da comunidade LGBT (Libertação Gays, Lésbicas e Transgêneros) como era inicialmente chamada.

Haraway também se opôs ao anticomunismo durante a Guerra Fria e à falta de discernimento político, cultural e social do americano médio que em geral não pode frequentar o meio acadêmico. e atuou com foco no governo e na militarização dos EUA, que visava realizar o “Projeto Guerra nas Estrelas” lançado em 1983, visto por muitos acadêmicos como uma ameaça à existência de toda vida no planeta devido ao amplo

alcance bélico. Ela e muitos de seus pares na academia posicionaram-se contra o desenvolvimento dessa tecnologia para o uso bélico. Militou abertamente em todas essas frentes e ainda o faz com o apoio de seu parceiro Rusten Hogness, engenheiro de som, anfitrião de um programa de rádio chamado de “Conversa dos Pássaros” (*Bird Talk*), o qual, também a influenciou seu modo de pensar ao longo de muitos anos de convivência.

No início do século XX, houve muitos pioneiros na modalidade “Especulativa” de escrita. E “Especulativa” está entre aspas porque é uma palavra que no passado foi usada para substituir as palavras “ficção”, “ficcional”. Não é esse o motivo pelo qual usaremos esta palavra no contexto deste trabalho, pois, ela encerra em si muito mais do que um rótulo, e isso será discutido mais a frente, no capítulo três.

Geralmente, quando pensamos em narrativas que discorrem sobre realidades alternativas, se comparadas à nossa realidade atual, nos vêm à cabeça os clássicos da Ficção Científica. Talvez alguns de seus exemplos mais conhecidos sejam: *Vinte mil Léguas Submarinas* de Júlio Verne, que antecipou a ideia do submarino, o robô de *Eu Robô* de Isaac Asimov, os alienígenas de *Guerra dos Mundos* de H.G. Wells, os androides quase humanos de *Androides Sonham Com Carneiros Elétricos?* livro esse que foi renomeado como *Blade Runner*, de Phillip K. Dick, *A Mão Esquerda da Escuridão* de Ursula K. Le Guin, *A Sentinela* de Arthur C. Clarke que inspirou o filme de Stanley Kubrick, *2001: Uma Odisseia no Espaço* com seu personagem de Inteligência Artificial HAL 9000 (Heuristically programmed ALgorithmic computer), as *Crônicas Marcianas* de Ray Bradbury, *O Conto da Aia* de Margaret Atwood, *1984* de George Orwell, entre tantos outros que direta ou indiretamente possam ter contribuído para que sonhos convertidos em livros fossem concretizados, ou mesmo que constituíssem importantes premonições sobre possíveis distopias no devir do planeta.

Foi neste contexto literário que Donna, pesquisadora acadêmica e leitora voraz de ficção científica, começou a gestar ainda jovem a escritora experiente que conhecemos hoje. Ela cita enfaticamente e agradece aos pensadores e escritores que a influenciaram e continuam influenciando logo no início deste seu último livro, como por exemplo: seu marido Rusten Hogness, sua colega de universidade e disciplina Anna Tsing; suas escritoras de ficção científica favoritas, Ursula Le Guin, Octavia Butler e Joanna Russ, a antropóloga Susan Harding; cientistas, filósofos e pesquisadores de

diversas áreas do saber como Scott Gilbert, Vinciane Despret, Isabelle Stengers, Bruno Latour, Marilyn Strathern, Nina Likke, Lynn Margulis, Frantz Fanon, Carolyn Merchant, Marisol de la Cadena, Maria Puig de la Bellacasa, Rosi Braidotti, Thom van Dooren, Thyrza Goodeve, Beatriz da Costa, Karen Barad e Eduardo Viveiros de Castro, entre outros.

Donna Haraway é em sua essência interdisciplinar e transdisciplinar, e agrega o multidisciplinar em seu modo de pensar. A autora de *Habitando com o incômodo e fazendo parentesco no Chtulhuceno* é graduada em Zoologia, Filosofia e Inglês, tendo feito sua tese de pós-graduação em Biologia. Obteve seu PhD sob a orientação do já citado George Evelyn Hutchinson, professor da Universidade de Yale, que orquestrou uma cooperação interdisciplinar entre os departamentos de Biologia, Filosofia, e História da Ciência e Medicina para que ela realizasse sua dissertação *Cristais, Tecidos e Campos: Metáforas do Organicismo na Biologia do Desenvolvimento do Século Vinte*, publicada em New Haven no ano de 1976. É neste contexto que a jovem católica de origem irlandesa, que passou boa parte de seus primeiros anos escolares num internato de freiras, forma sua consciência individual, suas subjetividades e metas.

Ela possui uma personalidade inquisitiva, curiosa, jovial e oferece uma atitude de escuta ativa com todos, colegas ou não, que trazem novas teorias a respeito de qualquer tópico relevante para o seu ativismo. Podemos perceber sua interação nos seus textos e palestras, com o pensamento de seus pares mais contemporâneos na academia, que são colegas da mesma época no sentido mais geracional, como numa “dança” entre as coautorias que se estabelecem ao longo da evolução de suas abordagens críticas. Juntamente com sua voz que canta a sua “música” pessoal, podemos ouvir o “coro” da corrente de cientistas e feministas com as quais ela compartilha ideias e faz trocas continuamente como por exemplo Rosi Braidotti, entre outras.

Ela não hesita em nomear todas as suas influências tanto no campo da ciência e tecnologia como no campo da literatura, filosofia, antropologia e política. É generosa com relação aos colegas no campo da autoria. Donna é muito transparente quando elabora suas questões e quando divide o mérito atribuído a ela com todos aqueles que a influenciaram ao longo de sua vida, não somente amigos e acadêmicos, mas também com a cachorra Cayenne Pepper, sua companheira de aventuras, com outros animais,

com a vida vegetal e mineral. Desejando contribuir efetivamente para a coletividade, ela oferece suas ideias para que sejam aplicadas no processo de mundificação.

Haraway pratica a escuta e a observação, e procura na medida do possível desenrolar suas fabulações de forma a repassar seus princípios norteadores com atenção. Ela segue praticando o ouvir e olhar para sugerir e expandir ideias inovadoras em diversas áreas de conhecimento, de modo mais intenso ou mais leve, dependendo da necessidade de intervenção e do público-alvo ou assunto. É capaz de fazer isso a nível macro quando envolve o cosmos e forças da natureza e ao nível dos micróbios e níveis biomoleculares tais como hormônios, como é possível ver no capítulo “Inundados na Urina”, do livro *Seguindo com o incomodo e fazendo parentesco no Chtulhuceno*. Ela demonstra como aprendeu com cada uma dessas ordens de grandezas do existir em sua escrita. Toda sua obra é atravessada pelas relações entre as ciências e outros saberes. Os saberes não acadêmicos citados por ela incluem conteúdos absorvidos através do contato com povos originários de vários locais como a Califórnia e o México por exemplo.

1.3 Glossário de expressões Harawayanas

Geralmente, o glossário vem no final da maioria das publicações. Tendo em mente que este trabalho se destina a todo e qualquer leitor interessado, com ou sem familiaridade com a área, conhecedor ou não da língua inglesa, levo em conta que sua compreensão aumenta com o entendimento desse vocabulário. Portanto, há a necessidade de antecipar aqui o esclarecimento deste, pois não é um glossário típico. É uma condição fundamental para que se possa aprofundar no exercício de fabulação especulativa que Donna Haraway pratica e propõe no capítulo “Estórias de Camille”. Além disso, entendo que tomar conhecimento destes conceitos é de fundamental importância para a proposição de Oficinas de Fabulação Especulativa que visem discutir as relações entre as ciências, as naturezas, literatura, artes de todo tipo, saberes formais e informais, acadêmicos e ancestrais. É importante compartilhar e pensar-com todos os seres.

Não se pode dizer que a leitura dos seus textos seja fácil porque os assuntos que ela aborda não o são. No entanto, ela é bem-humorada e procura as “palavras certas” para que a ideia que deseja expressar não seja manipulada por distorções interpretativas. Ela também utiliza palavras específicas e neologismos cunhados por seus colegas de academia, além de termos que ela inventa para melhor definir um conceito que ainda não é corrente, mas que esclarece a ideia de forma mais acessível.

Quando ouvimos uma palestra, lemos um livro ou um trabalho de Donna Haraway, é necessário que pratiquemos, como ela, a atenção a todas as peculiaridades do seu texto, da sua narrativa tanto subjetivamente como objetivamente expressa. É preciso uma certa familiaridade com o vocabulário Harawayano. Parte da metodologia que Donna Haraway usa para escrever é inspirada no ensaio *The Carrier Bag Theory of Fiction* (2019), de Ursula Le Guin, em que formulou o conceito de “Teoria da Bolsa de Transporte de Ficção” já citado anteriormente.

Palavras incomuns aparecem em toda a obra da escritora, mas em especial em seu último livro, *Seguindo com o incômodo e fazendo parentesco no Chtulhuceno*, que contém “As Estórias de Camille: as crianças da composteira”, cujo capítulo serviu de inspiração para a prática fabulação especulativa a ser desenvolvida como proposição neste trabalho. Conjuradas num grande caldeirão mental em que os ingredientes vieram de inúmeras fontes, essas palavras formam um glossário extenso a ser apresentado no decorrer desta monografia, o qual constitui a base para a compreensão do texto em análise e de outros textos de mesma ou outras autorias relacionadas e afins.

É dentro deste universo constituído por ideias que vão evoluindo de um núcleo conceitual subjetivo para sofrer expansão em direção ao coletivo, inteiramente ocupado pelos hologramas mentais da autora, que ela projeta o capítulo “As Estórias de Camille”. Desse modo, semeia novas potencialidades no mundo através de seu pensamento tentacular, ao mesmo tempo em que desconstrói os velhos paradigmas.

Para esclarecer a visão do que é multidisciplinariedade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade no contexto deste trabalho, é necessário definir a aplicação dos termos. A multidisciplinaridade refere-se à situação quando alguém ou algo reúne saberes de áreas diferentes que podem ou não estar juntos num espaço físico ou virtual. Já a interdisciplinaridade é quando um saber específico é chamado a atuar dentro de outra área de saber que necessita dessa abordagem particular. Usa-se a expressão

transdisciplinaridade quando uma área de saber atravessa a fronteira de sua especificidade para ser aplicada em outra área de saber e tornar-se parte desta.

Os saberes gerais e amplos podem ser mais úteis em situações contendo abundância de variáveis e questões a serem resolvidas. Já um saber específico costuma ter uma aplicabilidade mais pontual quanto maior for a sua especificidade. O mundo precisa de generalistas, os quais podem também ser especialistas em uma ou mais áreas, sem deixar de atuar no contexto ampliado. O ultra especialista com uma especificidade alta e única também é indispensável, mas em números menores para suas áreas do que os de generalistas. O que é fundamental para tornar a diferença positiva entre eles é que todos possam interagir entre si, e enriquecer as discussões acerca das questões mais prementes da atualidade como a ecologia, as questões de gênero, raça (ou etnia), as injustiças sociais, a pobreza, a doença e a violência, citando apenas algumas das graves questões da atualidade.

A partir das trocas com os colegas e amigos dos quais recebeu influência e sugestões, e aos quais Donna Haraway influenciou, surgiram múltiplos neologismos e acrônimos que incorporam essas ideias. Por exemplo, ela cunhou a expressão “pensamento tentacular” que representa bem o raciocínio com o qual se identifica e que acaba incorporando tudo aquilo que ela alcança com a sua mente para depois colocar em uso. São palavras e abreviações que agrupam esse universo de pensamentos e que fazem parte do método que ela usa para acessar o mundo, especular e fabular com ele. Por isso traduzo, explico, exemplifico e cito abaixo o que acho ser imprescindível: acrônimos, neologismos, palavras e expressões desse glossário que são muito prevalentes no livro e com as quais ficará muito mais fácil compreender “As Estórias de Camille”.

O breve glossário abaixo não tem nenhuma pretensão de esgotar o universo rico do vocabulário encontrado na produção textual de Donna Haraway, e é menos que o mínimo necessário para que a leitura desta monografia possa ser feita com maior familiaridade. Desse modo fica possível introduzir algumas destas palavras no contexto deste trabalho de conclusão de curso sem que seja necessário explicar os termos a cada vez.

GLOSSÁRIO

1. Antropoceno - Anthropocen

O Antropoceno é um termo usado com muita frequência para se referir ao período em que o homem passou a deixar significativas marcas detectáveis na estratigrafia do planeta. Não está oficialmente aceito, pois, o evento onde deveria ser decidido se este período preenche os critérios que os Geólogos exigem para que seja caracterizado como o nome sugere não aconteceu ainda. Entre muitas polêmicas e argumentações, o nome “Antropoceno” estava com maioria a favor, porém, aconteceu a Pandemia de Sars-Cov2 que cancelou todos os eventos até o momento da escrita deste trabalho. Os geólogos não se reuniram e o termo continua extraoficial, embora largamente utilizado.¹

2. *Significant otherness* - Alteridade Significativa, outro significativo

De acordo com Donna Haraway, a antropóloga Strathern que é sua colega de pensamento, fala em termos de “conexões parciais” entre os seres, ou seja, padrões nos quais os atores não são nem todo nem parte, uns estão nos outros em conexão.

Original: *In Marilyn Strathern's sense, partial connections abound. Getting hungry, eating, and partially digesting, partially assimilating, and partially transforming these are the actions of companion species.* (HARAWAY: 2016, p.65).

¹No ano 2000, o Prêmio Nobel de Química Paul Crutzen e o liminologista Eugene Stoermer publicaram na Newsletter do International Geosphere-Biosphere Programme (IGBP) a hipótese na qual a atual Época geológica do planeta Terra, o Holoceno, havia se encerrado e em seu lugar se iniciara o que viria a ser reconhecido como o “Antropoceno” (Crutzen; Stoermer, 2000). Dessa forma, conceituaram a nova unidade cronoestratigráfica como resultado direto das mudanças ambientais globais proporcionadas pelas ações da humanidade a partir da Revolução Industrial, iniciada no século XVIII com o advento da máquina a vapor de James Watt. Logo, teve início a formalização que a humanidade teria se convertido em uma força geológica poderosa e capaz de alterar irreversivelmente o futuro do planeta. Mesmo que o Antropoceno apresente certo caráter polêmico e não seja ainda um consenso absoluto nas geociências, nem tampouco nas ciências humanas, devido à grande repercussão na comunidade científica internacional e a um aumento exponencial do interesse na discussão sobre a validade ontológica e epistemológica (Crutzen, 2002), a Subcomissão de Estratigrafia do Quaternário (órgão da União Internacional de Ciências Geológicas - IUGS) considerou que o conceito possuía “mérito estratigráfico” o suficiente para a sua formalização e criou, em 2009, o Grupo de Trabalho do Antropoceno (GTA), cuja finalidade é avaliar se o atual cenário de exploração científica poderia se constituir no reconhecimento de um novo paradigma, e se esta Época poderia formalmente fazer parte da Escala de Tempo Geológica internacional (SILVA; Arbilla, 2018; SILVA et al., 2020 *In* MACHADO e SOARES, p.289, 2019)

Tradução sugerida: “No sentido usado por Marilyn Strathern, conexões parciais são abundantes. Sentir fome, comer, e digerir parcialmente, assimilar parcialmente e parcialmente transformando: estas são ações de espécies companheiras.”

É isso que Haraway chama de relações de alteridade significativa. As alteridades, ou seja, aquilo que é outro, se são significativas, fazem parte do seguir-com, estar-com, fazer-com e ainda que sejam de qualquer modo diferentes entre si e com aqueles que seguem-com o incômodo, estão conectadas. Para ela, naturezas-culturas não estão em oposição, andam juntas. (HARAWAY: 2021, p.10)

Trecho retirado do livro *O manifesto das espécies companheiras*, “Somos constitutivamente, espécies companheiras. Nós criamos uma à outra na carne. Um outro significativo uma para a outra, em diferença específica, significamos na carne uma forte infecção de desenvolvimento chamada amor. Esse amor é uma aberração e um legado natural-cultural.” (HARAWAY: 2021, p.10)

3. *Critter* – Bicho “Estranho”

Não é o mesmo que criatura e não tem um equivalente preciso em português embora foneticamente guarde semelhança. É um ente ou um ser diferente, que pode ser qualquer coisa que esteja no ciclo de vida do planeta. Poderíamos tentar traduzir como criatura mas a palavra, em inglês *critter*, não pode ser confundida com criatura que é um ser que foi criado, fruto de criação de outro. *Critter* está, segundo a visão da autora, fora do conceito da Cosmologia judaico-cristã. Haraway afirma que:

Original: *Critters–human and not–become-with each other, compose and decompose each other, in every scale and register of time and stuff in sympoietic tangling, in ecological evolutionary developmental earthly worlding and unworlding.* (HARAWAY: 2016, p.97)

Tradução sugerida: “Bichos humanos e não humanos ficam-com uns aos outros, compõe e decompõe uns aos outros, em todas escalas e registros de tempo e outras coisas em enovelamento simpoiético, na mundificação e desmundificação terrenos, do desenvolvimento ecológico evolutivo.” (HARAWAY: 2016, p.97)

4. *Carrier Bag of Fiction* - Bolsa de Transporte de Ficção

É o método que Donna Haraway enfatiza na prática da fabulação especulativa e que merece uma abordagem mais minuciosa aqui. Ursula Kroeber Le Guin foi uma premiada escritora de Ficção Científica estadunidense que influenciou de modo significativo o pensamento de Donna Haraway. Le Guin foi ativista em prol de várias causas como o feminismo, a ação contra a opressão sobre os povos de origem e contra a ação predatória do homem sobre o meio ambiente, entre outras tão atuais.

A escritora Ursula Le Guin criou o conceito de “Bolsa de Transporte de Ficção” a partir de um livro escrito por Elizabeth Fisher publicado em 1979. Fisher escreveu o capítulo “The Carrier Bag Theory of human evolution” (FISHER 1979), ou “A Teoria da Bolsa de Transporte da Evolução Humana”, publicada em 1979 no livro *Woman’s Creation: Sexual Evolution and the Shaping of Society*, e republicado em 1988 na Revista *Women of Vision*. Fisher argumenta que a primeira ferramenta da mulher primitiva foi uma bolsa onde coletava tudo que considerava importante para o grupo.

Na versão de Ursula, essa proposta da “Bolsa de Transporte de Ficção” seria uma bolsa de ideias, palavras, nomes, histórias, que substituiriam a narrativa do “herói” que pratica violência. Assim, a narrativa masculina tradicional perderia lugar para novas histórias de pessoas que recolhem, guardam, conservam, gestam, acolhem e cuidam entre tantos outros atos de preservação útil de interesse coletivo. Para Le Guin, cada pessoa carrega sua bolsa de saberes, de narrativas, de generalidades, de especificidades, que utiliza ao seu modo. As histórias tiradas de dentro da Bolsa, ao invés das histórias das lutas e armas de caçadores e guerreiros, recontariam antigas histórias e contariam novas histórias para uma humanidade comprometida com a natureza e com a vida. A ideia é que cada um use sua Bolsa coletivamente fazendo a multi, inter e transdisciplinaridade uns com os outros. Ursula incorporou o conceito num contexto muito mais abrangente e nos diz:

Original: I am an aging, angry woman laying mightily about me with my handbag, fighting hoodlums off. However I don't, nor does anybody else, consider myself heroic for doing so. It's just one of those damned things you have to do in order to be able to go on gathering wild oats and telling stories. It is the story that makes the difference. It is the story that hid my humanity from me, the story the mammoth hunters told about bashing, thrusting, raping, killing, about the Hero... It sometimes seems that that story is approaching its end. Lest there be no more telling of stories at all, some of us out here in

the wild oats, amid the alien corn, think we'd better start telling another cine, which maybe people can go on with when the old one's finished. Maybe. The trouble is, we've all let ourselves become part of the killer story, and so we may get finished along with it. Hence it is with a certain feeling of urgency that I seek the nature, subject, words of the other story, the untold one, the life story...that is why I like novels instead of heroes they have people in them. (Le GUIN: 2019, p.33 e 35)²

O conceito de Le Guin para essa Bolsa de Transporte de Ficção, nascido em 1986, partiu da ideia de Fisher onde a mulher Paleolítica, Neolítica e Pré-histórica que era parte de uma sociedade caçador-coletora, e usou como primeira ferramenta uma sacola ou bolsa, na qual recolhia e guardava todas as coisas úteis e importantes encontradas para uso do grupo. Enquanto ao homem do mesmo período caberia a arma como ferramenta, gerando histórias de sangue e morte. O Livro de Le Guin foi publicado somente em 2019. Com frequência surge na literatura, principalmente na infantil ou de fantasia, uma figura arquetípica misteriosa, uma mulher que mora em todo lugar ou em algum lugar que ninguém conhece, uma “*Bag-Lady*” que tem uma relação especial com a natureza e que carrega uma bolsa ou saco de aniagem nas costas. Essa mulher com essa bolsa ou saco tem poderes de conjurar coisas que saem de lá de dentro, de contar histórias, manipular a natureza, de fazer sonhar, ou lançar feitiços sobre os seres do mundo. Geralmente é uma personagem sacerdotisa, sábia, bruxa ou fada. É um ser que guarda consigo sabedoria e capacidade de intervir no ambiente e nos seres que o habitam. Ursula defendia a possibilidade de uma “*Bag-Lady*” da ficção.

Hoje, o termo “*Bag-Lady*” em inglês costuma ser usado para definir uma mulher que reúne tudo que possui de mais importante numa bolsa, a qual carrega consigo para todos os lugares sem nunca a deixar de lado. Essa expressão é popular para indicar senhoras em situação de rua que costumam carregar em sua bolsa ou sacola também

²Tradução sugerida: Eu sou uma mulher brava e envelhecida que se incorpora poderosamente em mim com sua bolsa, lutando contra bandidos. No entanto, nem eu e nem ninguém consideramos que eu seja heroica por fazer isso. É apenas uma daquelas coisas malditas que você tem de fazer para poder continuar colhendo aveia selvagem e contando histórias. É a história que faz a diferença. É a história que escondeu minha humanidade de mim, os caçadores de mamutes contaram sobre o espancamento, empurrando, estuprando, matando, sobre o Herói... Às vezes parece que essa história está chegando ao fim. Antes que não haja mais histórias para contar, alguns de nós aqui na aveia selvagem, em meio o milho alienígena, deveríamos começarmos a contar outra, que talvez as pessoas possam continuar quando a antiga terminar. Talvez. O problema é, todos nós nos permitimos fazer parte da história do assassino, e assim pode ser que acabemos junto com ela. Por isso é com um certo sentimento de urgência que procuro a natureza, o assunto, as palavras da outra história, a não contada, a história da vida.... É por isso que eu gosto de romances: ao invés de heróis, têm pessoas neles. (Le GUIN: 1988, p.33 e 35)

aquilo que lhes é dado por outras pessoas como dinheiro, comida, e pequenos objetos de estimação que encontra pelo caminho.

Chessa Adsit-Morris é teórica de carreira e diretora assistente do “Center for Creative Ecologies” do Departamento de História da Arte e Cultura Visual da Universidade da Califórnia, Santa Cruz. Ela escreve amplamente sobre a intersecção de estudos de currículo, pós-humanismo, pensamento ecológico e Ficção Especulativa, e é autora do livro *Restorying Environmental Education: Figurations, Fictions, Feral Subjectivities* (2017). Este livro está bastante alinhado com o pensamento de Donna Haraway, Ursula Le Guin e o grupo de acadêmicos que compartilham das mesmas tendências no pensamento. Morris exemplifica o arquétipo/estereótipo a partir de uma personagem de uma peça da Broadway que incorpora precisamente o conceito da Bolsa e como esta é utilizada pela mulher:

Original: Bag-lady Storytelling” is a performative methodology, a creative (re)twist of Ursula Le Guin’s “Carrier Bag Theory of Fiction” into a new materialist methodology. Using the figuration of Trudy, the chatty Times Square bag-lady character in the one-woman Broadway play, *The Search for Signs of Intelligent Life in the Universe*, the author conducts a feminist critique of traditional research methodologies and draws together theories of research that inform, instead, the practice of research as Bag-lady storytelling, a performative research praxis of gathering stories/ideas/theories and creating habitual nomadic research patterns. Such a praxis requires a different logic, an attunement and attentiveness to what gets gathered up, used, shared; an attentiveness to which seeds should be saved for future reseeded, for future reworlding. (ADSIT-MORRIS: 2017, p.44)³

Morris defende a mulher contemporânea dona de uma Bolsa de contação de histórias baseada na teoria de Le Guin, mas ainda mais preocupada com “que histórias usamos para contar histórias” parafraseando a própria Haraway. Cem anos depois do nascimento de Ursula, é natural que a “Bag-Lady” incorpore mais coisas, coisas novas

³ Tradução sugerida: *Bag-lady Storytelling* é uma metodologia performativa, uma (re)torção criativa da "Teoria da Bolsa de Transporte de Ficção" de Ursula Le Guin em uma nova metodologia materialista. Usando a figuração de Trudy, a personagem mulher-da-bolsa tagarela do Times Square na peça de uma mulher na Broadway, *The Search for Signs of Intelligent Life in the Universe*, onde a autora conduz uma crítica feminista às metodologias tradicionais de pesquisa e reúne teorias de pesquisa que informam, em vez disso, a prática da pesquisa como contação de histórias “Bag-lady”, uma práxis de pesquisa performativa de reunir histórias / ideias / teorias e criar padrões habituais de pesquisa nômade. Tal práxis requer uma lógica diferente, uma sintonização e atenção ao que é recolhido, usado, partilhado; uma atenção na qual as sementes devem ser guardadas para uma futura re-propagação, para uma futura re-semeadura de mundos. (ADSIT-MORRIS: 2017, p.44)

em sua sacola e sofra uma repaginação mais sintonizada com relação as formas de indução de raciocínios, informação midiática e manipulação de massas do presente. O arquétipo/estereótipo faz compostagem com o meio e pode estar ou aparecer em qualquer local da composteira. Donna Haraway expressou abertamente seu desejo sobre a continuidade no uso deste método e até mesmo dentro da sua própria produção especulativa por qualquer pessoa interessada. Ela generosamente coloca seus escritos em nossas Bolsas e diz: “Use se quiser!”.

4. Chtulucene - Chtuluceno

É o tempo dos seres Ctônicos, seres das profundezas abissais, ocultos, que vivem na obscuridade. Um tempo onde esses seres possam ter a oportunidade de deixar sua marca no planeta. Donna Haraway faz questão de explicar que essa palavra não tem nada a ver com a entidade Cthulhu monstro criado pelo escritor H.P. Lovecraft em suas histórias de Ficção Científica:

Original: *Chthulucene* is a simple word. It is a compound of two Greek roots (*khthôn*⁴ and *kainos*⁵) that together name a kind of timeplace for learning to stay with the trouble of living and dying in response-ability on a damaged earth. *Kainos* means now, a time of beginnings, a time for ongoing, for freshness. Nothing in *kainos* must mean conventional pasts, presents, or futures. There is nothing in times of beginnings that insists on wiping out what has come before, or, indeed, wiping out what comes after. *Kainos* can be full of inheritances, of remembering, and full of comings, of nurturing what might still be. I hear *kainos* in the sense of thick, ongoing presence, with hyphae infusing all sorts of temporalities and materialities. (HARAWAY: 2016, p.2)⁶

⁴ *Kthon* em grego se refere às profundezas. Olhar item 7 deste glossário.

⁵ *Kainos* é novo em grego. Não é o mesmo sentido de *Neo*, outra palavra grega para novo. *Kainos* é o novo melhorado, não novo no tempo, mas novo na forma ou qualidade. Já *Kairós*, filho de *Cronos* deus do tempo, expressava uma ideia considerada metafórica de tempo não-linear, e não era entendido como um tempo cronológico, mas sim como um momento ideal para algo, tempo oportuno, no presente. Já o conceito de *Cronos* está relacionado com a ideia de tempo linear, sequencial e físico, como as horas, os minutos, os dias.

⁶ Tradução sugerida: Chtuluceno é uma palavra simples. É uma composição de duas raízes gregas (*khthôn* e *kainos*) que juntos nomeiam uma espécie de local no tempo ou de espaço-tempo⁶ para aprender a seguir com o incômodo de viver e morrer com responsa-habilidade numa terra danificada. *Kainos* significa agora, um tempo de começos, um tempo para continuar, para o frescor. Nada em *kainos* deve significar passados convencionais, presentes ou futuros. Não há nada nos começos que insista em apagar o que veio antes, ou, na verdade, apagar o que vier depois. *Kainos* pode ser cheio de heranças, de memórias e cheio de devires, capazes de nutrir o que ainda pode vir a ser. Eu percebo *kainos* na presença espessa (densa) e contínua, com as hifas infundindo todos os tipos de temporalidades e materialidades. (HARAWAY:2016, p.2)

5. Cyborg - Ciborgue

Donna Haraway traz o Ciborgue para o livro *Seguindo com o incômodo no Chthuluceno* (2016) com uma visão mais ampla e atualizada do que esta palavra significa para ela:

Original: Cyborgs are kin, whelped in the litter of post–World War II information technologies and globalized digital bodies, politics, and cultures of human and not-human sorts. Cyborgs are not machines in just any sense, nor are they machine-organism hybrids. In fact, they are not hybrids at all. They are, rather, imploded entities, dense material semiotic “things”—articulated string figures of ontologically heterogeneous, historically situated, materially rich, virally proliferating relatings of particular sorts, not all the time everywhere, but here, there, and in between, with consequences. (HARAWAY: 2016, p.104)⁷

No livro *A Cyborg Manifesto* (2000), Haraway define o ciborgue como:

Original: The cyborg is a creature in a post-gender world; it has no truck with bisexuality, pre-oedipal symbiosis, unalienated labour, or other seductions to organic wholeness through a final appropriation of all the powers of the parts into a higher unity. In a sense, the cyborg has no origin story in the Western sense - a 'final' irony since the cyborg is also the awful apocalyptic telos of the West's' escalating dominations of abstract individuation, an ultimate self-untied at last from all dependency, a man in space. (HARAWAY: 2003, p.150-151)⁸

Haraway traz, seis anos depois, o ciborgue como *critter* ou bicho estranho, como uma alteridade significativa, um parentesco improvável que é cultivado pelo homem do Chthuluceno. Ele não é um humanoide robótico híbrido ou a robotização de

⁷ Tradução sugerida: Ciborgues são parentes, gerados na ninhada da tecnologia de informação pós-Segunda Guerra Mundial e de corpos digitais globalizados, políticas e culturas humanas e não humanas. Ciborgues não são máquinas em uma sentido qualquer, nem são híbridos máquina-organismo. Na verdade, eles não são híbridos em absoluto. São, antes, entidades implodidas, material semiótico denso “coisas”— figuras de cordas articuladas de formas ontologicamente heterogêneas, historicamente situadas, materialmente ricas, virulentamente proliferando modos relacionais particulares, não o tempo todo em todos os lugares, mas aqui, ali e no meio, com consequências.

⁸ Tradução sugerida: O ciborgue é uma criatura de um mundo pós-gênero: ele não tem qualquer compromisso com a bissexualidade, com a simbiose pré-edípica, com o trabalho não alienado. O ciborgue não tem qualquer fascínio por uma totalidade orgânica que pudesse ser obtida por meio da apropriação última de todos os poderes das respectivas partes, as quais se combinariam, então, em uma unidade maior. Em certo sentido, o ciborgue não é parte de qualquer narrativa que faça apelo a um estado original, de uma "narrativa de origem", no sentido ocidental, o que constitui uma ironia "final", uma vez que o ciborgue é também o *telos* apocalíptico dos crescentes processos de dominação ocidental que postulam uma subjetivação abstrata, que prefiguram um eu último, libertado, afinal, de toda dependência - um homem no espaço. (HARAWAY: 2000, p.38)

um ser ou qualquer coisa que responda a comandos digitais, ou mesmo simplesmente uma ferramenta de poder nos processos ambiciosos em vigência no Antropoceno. Na visão dela um ciborgue pode ser gerado em qualquer lugar, em qualquer formato, fazendo conexões como nas figuras-de-corda, de forma viral. Podem acontecer sem um planejamento ou propósito e pode haver consequências disso.

6. Compost, Composting - Composteira, Compostagem

A Composteira é o local onde se faz a Compostagem que é o ato de misturar matéria orgânica para que através dos processos naturais que ocorrem, como a fermentação e a decomposição, misturem os diferentes compostos e os transformem no chamado húmus, que é um material muito rico em nutrientes, perfeito para adubagem e crescimento de plantas dentro do conceito de jardinagem ou agricultura.

Esse é mais um tropo (uma metáfora) escolhido pela autora para exemplificar o que ela imagina e espera que aconteça se nós, humanos, fizermos uma bela figura de cordas com outros seres de parentesco improvável, a qual facilite a compostagem entre os seres em geral e transforme tudo num húmus muito rico que adubará o meio ambiente. Em outras palavras, ao invés da cultura predatória que destrói o meio ambiente, mata outros seres e aquece o clima, estaríamos conscientemente mudando o rumo das coisas para que um presente e um futuro mais promissor se instale.

7. *Chthonic* - Ctônico

Aqueles seres com os quais o parentesco, no presente denso ou espesso como Donna Haraway define nosso tempo, é necessário para que o Chthuluceno seja possível.

Original: Chthonic ones are beings of the earth, both ancient and up-to-the minute. I imagine chthonic ones as replete with tentacles, feelers, digits, cords, whiptails, spider legs, and very unruly hair. Chthonic ones romp in multicritter humus but have no truck with sky-gazing Homo. Chthonic ones are monsters in the best sense; they demonstrate and perform the material meaningfulness of earth processes and critters. They also demonstrate and perform consequences. Chthonic ones are not safe; they have no truck with ideologues; they belong to no one; they writhe and luxuriate in manifold forms and manifold names in all the airs, waters, and places of earth. They make and unmake; they are made and unmade. They

are who are. No wonder the world's great monotheisms in both religious and secular guises have tried again and again to exterminate the chthonic ones. The scandals of times called the Anthropocene and the Capitalocene are the latest and most dangerous of these exterminating forces. Living-with and dying-with each other potently in the Chthulucene can be a fierce reply to the dictates of both Anthropos and Capital. (HARAWAY: 2016, p.2)⁹

8. *Ecological Evolutionary Developmental Historical Ethnographic Technological Psychological studies - EcoEvoDevoHistoEthnoTechnoPsycho*

É a abordagem de trans aprendizado indefinidamente expansível. Referindo-se ao método de abordagem nas Comunidades de Compostagem e referindo-se à importância que contar histórias aos jovens tem no processo de recuperação de um contexto desejado.

Original: Decolonial multispecies studies (including diverse and multimodal human and nonhuman languages) and an indefinitely expandable transknowledging approach called EcoEvoDevoHistoEthnoTechnoPsycho (Ecological Evolutionary Developmental Historical Ethnographic Technological Psychological studies) were essential layered and knotted inquiries for compostists. (HARAWAY:2016, p.150)¹⁰

⁹ Os ctônicos são seres da terra, antigos e atuais. Imagino os ctônicos repletos de tentáculos, antenas, dígitos, cordões, rabos-de-cavalo, pernas de aranha e cabelos muito rebeldes. Ctônicos brincam no húmus multi criatura, mas não tem nenhuma relação com o Homo Sapiens que olha para o céu. Os ctônicos são monstros no melhor sentido; eles demonstram e constituem a significância material dos processos e criaturas terrestres. Eles também demonstram e perfazem as consequências. Os ctônicos não são seguros; eles não têm relações com ideólogos; eles não pertencem a ninguém; eles se contorcem eles se contorcem e exultam em múltiplas formas e múltiplos nomes em todos os ares, águas e lugares da terra. Eles fazem e desfazem; eles são feitos e desfeitos. Eles são quem são. Não admira que os maiores monoteísmos do mundo, tanto em sua forma religiosa quanto secular tentaram de novo e de novo exterminar os ctônicos. Os escândalos dos tempos chamados de Antropoceno e Capitaloceno são as mais recentes e perigosas dessas forças exterminadoras. Vivendo-com e morrendo-com potentemente, um com o outro, no Chthuluceno pode ser uma resposta feroz à ditadura de ambos, Anthropos e Capital. (HARAWAY: 2016, p.2)

¹⁰ Estudos decoloniais multiespécies (incluindo linguagens humanas e não humanas diversas e multimodais) e uma abordagem indefinidamente expansível de conhecimento de transconhecimentos chamada EcoEvoDevoHistoEthnoTechnoPsycho (Ecológico Evolucionário Desenvolvimento Histórico Etnográfico Estudos Psicológicos Tecnológicos) eram questões essenciais dispostas em camadas e enoveladas para os compostistas.” (HARAWAY: 2016, p.150)

9. *Homeoretic* - Homeorético

Significa que é um caminho de desenvolvimento estável ao longo do tempo

10. *Koan* - Koan

É uma pequena narrativa, um breve diálogo, questão ou afirmação no budismo zen que contém, contém aspectos que são inacessíveis à lógica simples. Desta forma, o *koan* tem como objetivo, propiciar a iluminação espiritual do praticante.

11. *Monism* - Monismo

Doutrina ou teoria de origem grega segundo a qual há unidade das forças da natureza e a realidade se reduz a um princípio único. Aqui sugiro que quem se interessar busque aprofundamento no Monismo como é visto pelo filósofo Baruch Espinosa em contraponto como dualismo de René Descartes.

12. *Naturecultures* - Naturezas-culturas

Donna Haraway em seu livro *O manifesto das espécies companheiras* (2021), descreve como Marilyn Strathern, uma antropóloga britânica cujo trabalho aborda temas e tópicos como relações de gênero em seus estudos na Papua Nova Guiné e relações de parentesco no Reino Unido, sugere que é desnecessário separarmos os termos “natureza” e “cultura” em polos opostos ou categorias universais. Ela desenvolve brevemente este conceito no livro e explica à sua maneira.

13. *Oddkin* - Fazer parentes ou Parentesco improvável, Existir-com a diferença

Refere-se a fazer parentes e não a “ser parente”. Significa buscar ativamente o parentesco com outros que não de sangue, que nem pertençam à mesma escala filogenética ou que façam parte de outro reino.

O parentesco improvável (*oddkin*) é o não-biológico, genealógico ou judicial. É buscado por outros meios que não a reprodução entre seres da mesma espécie.

Original: Parentes é uma categoria aleatória que todo o tipo de pessoa faz o possível para domesticar. Fazer parentes estranhos em vez de, ou pelo menos em adição a aparentados da família genealógica e biogenética implica em questões importantes, como por quem somos realmente responsáveis. Quem vive e quem morre, e como, neste parentesco ao invés vez do outro? Qual a forma desse parentesco, onde e com quem suas linhas se conectam e desconectam, e daí? O que deve ser cortado e o que deve ser amarrado para que multiespécies florescendo na terra, incluindo humanos e outros-não-humanos em parentesco, possam ter uma chance? (HARAWAY: 2016, p.2)¹¹

Existir com a diferença pressupõe que se está adotando um parentesco improvável, incomum, fora da norma, onde existimos-com, habitamos-com, operamos-com com esse parente de modo a contemplar as necessidades uns dos outros.

14. *Prehensions* - Preensões - É um termo usado por Alfred North Whitehead, matemático e filósofo inglês que foi fundador da escola da “Filosofia do Processo e, já foi traduzido no livro *A Ciência e o mundo moderno*, onde o autor diz: “O mundo real é um desdobramento de várias preensões: e a “preensão” é uma “circunstância preensiva”; e a circunstância preensiva é a mais concreta entidade finita, concebida como o que é em si por si, e não do ponto de vista do seu aspecto na essência de outra circunstância semelhante.” (Whitehead: 1995, p.94)

Na citação abaixo temos a visão de Donna Haraway com relação a esse termo cunhados por Whitehead:

Original: Alfred North Whitehead described “the concrete” as “a condescence of prehensions. “For him, “the concrete” meant an “actual occasion.” Reality is an active verb, and the nouns all seem to be gerunds with more appendages than an octopus. Through their reaching into each other, through their “prehensions” or graspings,

¹¹ Parentes é uma categoria aleatória que todo o tipo de pessoa faz o possível para domesticar. Fazer parentes estranhos em vez de, ou pelo menos em adição a aparentados da família genealógica e biogenética implica em questões importantes, como por quem somos realmente responsáveis. Quem vive e quem morre, e como, neste parentesco ao invés vez do outro? Qual a forma desse parentesco, onde e com quem suas linhas se conectam e desconectam, e daí? O que deve ser cortado e o que deve ser amarrado para que multiespécies florescendo na terra, incluindo humanos e outros-não-humanos em parentesco, possam ter uma chance? (HARAWAY: 2016, p.2)

beings constitute each other and themselves. Beings do not preexist their relatings. "Prehensions" have consequences. The world is a knot in motion. Biological and cultural determinism are both instances of misplaced concreteness-i.e., the mistake of, first, taking provisional and local category abstractions like "nature" and "culture" for the world and, second, mistaking potent consequences to be preexisting foundations. There are no pre-constituted subjects and objects, and no single sources, unitary actors, or final ends. (HARAWAY: 2003, p.8)¹²

Entende-se que para Whitehead é necessário que vejamos o mundo como uma rede de processos interdependentes da qual fazemos parte, onde as preensões geram concretudes. Ele vê a realidade como um verbo ativo da qual emanam substantivos que lançam tentáculos em todas as direções fazendo relações entre as coisas, fazendo nós corrediços nessas conexões, que geram concrecências ou concretudes que formam a realidade concreta. Ele critica o determinismo biológico dentro de uma visão separatista entre natureza e cultura se levar em conta todas as nossas escolhas e nossas ações têm consequências onde vivemos.

15. *Response-ability* - Respons-abilidade É ter a habilidade para resposta à uma questão.

16. *Situated Knowledges* - Saberes situados

No livro *Simians, Cyborgs, and Women: The reinvention of nature* (1991), mais especificamente no capítulo nove: "Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective", consta uma explicação acerca do conceito "saberes situados". É preciso distinguir o conceito de "saber situado" muito usado por Donna Haraway, que não é a mesma coisa que um conhecimento que pertence a um local geográfico, ou que surgiu nele como "saber localizado", como pode

¹²Alfred North Whitehead descreveu "o concreto" como "uma concrecência de preensões". Para ele, "o concreto" significava uma "ocasião atual". Realidade é um verbo de voz ativa, e os substantivos parecem ser gerúndios com mais tentáculos que um polvo. Através dos seus movimentos para alcançar uns aos outros, através de suas "preensões", os seres constituem uns aos outros e a si mesmos. Nenhum preexiste a suas relações." Preensões" têm consequências. O mundo é um nó em movimento. Determinismos biológico e cultural são instâncias de concretude deslocada – ou seja, primeiro erram em entender categorias provisórias e locais como "natureza" e "cultura", e, segundo, confundem consequências potentes com fundações preexistentes. Não existem sujeitos e objetos pré-constituídos nem fontes únicas, atores individuais ou finais definitivos. (HARAWAY: 2021, p.14)

parecer a princípio. É bom lembrar que as traduções costumam usar “localizado” ao invés de “situado” para a palavra *situated*. Ela nos diz a esse respeito:

Original: Situated knowledges are particularly powerful tools to produce maps of consciousness for people who have been inscribed within the marked categories of race and sex that have been so exuberantly produced in the histories of masculinist, racist, and colonialist dominations. Situated knowledges are always marked knowledges; they are re-markings, reorientations, of the great maps that globalized the heterogeneous body of the world in the history of masculinist capitalism and colonialism. (HARAWAY: 1991, p.111)¹³

Segundo ela, em *Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective* (1998), dentro de uma perspectiva feminista, para o futuro, é necessário que haja a existência de uma rede de conexões no mundo que inclua a capacidade parcial de traduzir conhecimentos entre comunidades muito diferentes e diferenciadas em termos de poder. Objetividade significará então que os saberes são situados, específicos, particulares, abordados a partir de uma perspectiva parcial. Saberes situados não são sobre indivíduos mas sobre comunidades de pessoas sem relação com geografia, que podem ser grupos com pautas e características comuns em qualquer local, como por exemplo na questão de gênero ou etnia.

Original: Situated knowledges are about communities, not about isolated individuals. The only way to find a larger vision is to be somewhere in particular. The science question in feminism is about objectivity as positioned rationality. Its images are not the products of escape and transcendence of limits (the view from above) but the joining of partial views and halting voices into a collective subject position that promises a vision of the means of ongoing finite embodiment, of living within limits and contradictions-of views from somewhere. (HARAWAY: 1998, p.590)¹⁴

¹³Tradução sugerida-Os saberes situados são ferramentas particularmente poderosas para produzir mapas de consciência para pessoas que foram incluídas nas categorias estabelecidas de raça e sexo que foram produzidas de forma tão exuberante nas histórias de dominação machista, racista e colonialista. Os saberes situados são sempre saberes estabelecidos; são remarcações, reorientações, dos grandes mapas que globalizaram o corpo heterogêneo do mundo na história do capitalismo masculinista e do colonialismo. (HARAWAY: 1991, p.111)

¹⁴ Tradução sugerida-Os conhecimentos situados são sobre comunidades, não sobre indivíduos isolados. A única maneira de encontrar uma visão maior é se posicionar de um modo em particular. A questão da ciência no feminismo é sobre a objetividade como posicionada racionalidade. Suas imagens não são produtos de fuga e transcendência de limites (a visão de cima), mas a união de visões parciais e vozes hesitantes em um posicionamento da pauta do coletivo que ofereça uma visão dos meios de corporificação finita e contínua, em como viver dentro de limites e condições-de dos pontos de vista de um determinado lugar.

O que Donna pretende com esse conceito é que as generalizações não sejam instrumento de dispersão do conhecimento, dos saberes, mas que haja uma multiplicidade de pontos de vista como encontramos em: *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*, do periódico Cadernos Pagu, onde lemos "...privilegie a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e a esperança na transformação dos sistemas de conhecimento e nas maneiras de ver." (HARAWAY:1995, p.16). O que permitiria uma compreensão das necessidades de existências específicas que estivessem subjugadas a uma perspectiva patriarcal e condescendente. Haraway também enfatiza na citação abaixo como o ponto de vista interfere na objetividade em obter conhecimento e reitera a necessidade da prática de saberes situados nas ciências.

Original: Situated knowledges require that the object of knowledge be pictured as an actor and agent, not as a screen or a ground or a resource, never finally as slave to the master that closes off the dialectic in his unique agency and his authorship of "objective" knowledge. The point is paradigmatically clear in critical approaches to the social and human sciences, where the agency of people studied itself transforms the entire project of producing social theory. Indeed, coming to terms with the agency of the "objects" studied is the only way to avoid gross error and false knowledge of many kinds in these sciences. But the same point must apply to the other knowledge projects called sciences. (HARAWAY: 1998, p.592-593)¹⁵

Em *Simians, Cyborgs, and Women: The reinvention of nature*, Donna Haraway faz referência à escritora feminista Katie King, e à sua teoria que considera útil ao conceito de saberes situados, que trata do aparelho de produção corporal como categoria. King faz uma análise sobre o poema como objeto de valor literário, que é citada por Haraway:

Original: King suggests the term 'apparatus of literary production' to highlight the emergence of what is embodied as literature at the intersection of art, business, and technology. The apparatus of literary production is a matrix from which 'literature' is born. Focusing on the

¹⁵ Tradução sugerida- Os saberes situados exigem que o objeto do conhecimento seja retratado como ator e agente, não como tela ou fundo ou recurso, e finalmente nunca como escravo do mestre que fecha a dialética em sua agência única e sua autoria de conhecimento "objetivo". O ponto é paradigmaticamente claro nas abordagens críticas às ciências sociais e humanas, onde a própria agência das pessoas estudadas transforma todo o projeto de produção da teoria social. De fato, chegar a um acordo com a agência dos "objetos" estudados é a única maneira de evitar erros grosseiros e falsos conhecimentos de vários tipos nessas ciências. Mas o mesmo ponto deve ser aplicado aos outros projetos de conhecimento chamados ciências.

potent object of value called the 'poem', King applies her analytic frame to the relation of women and writing technologies (King, 1987b). I would like to adapt her work to understanding the generation - the actual production and reproduction - of bodies and other objects of value in scientific knowledge projects. At first glance, there is a limitation to using King's scheme inherent in the 'facticity' of biological discourse that is absent from literary discourse and its knowledge claims. Are biological bodies 'produced' or 'generated' in the same strong sense as poems? From the early stirrings of Romanticism in the late eighteenth century, many poets and biologists have believed that poetry and organisms are siblings.¹⁶

Nas ciências os paradigmas utilizados por especialistas, e mesmo por generalistas em separado, são limitantes para a ocorrência dessa interação desejada por Donna Haraway. Na história do conhecimento humano houve sempre muita polêmica acerca de quem está com a “verdade” dentro da análise científica. A palavra está entre aspas justamente porque essa disputa costuma terminar em aporia. É necessário que tenhamos muitos “pontos de vida”, como Emanuele Coccia, filósofo e ensaísta italiano que escreveu o livro *A vida das plantas* (2018), comenta a respeito das perspectivas e pontos de vista, para que a visão do todo seja mais rica e completa. Ele diz: “Todo conhecimento cósmico é um ponto de vida (e não apenas um ponto de vista), toda verdade é o mundo no espaço de mediação do vivente.” (COCCIA: 2018, p.25)

Tendo isso em mente, fica claro que embora muitas pessoas estejam cientes desta necessidade e estejam buscando um entendimento e colaboração através de saberes acadêmicos e não acadêmicos (práticos), como por exemplo as habilidades de cultivo conhecidas pelos povos originários ou de cura através do uso de plantas, essa mistura ou compostagem como Donna Haraway prefere chamar ainda sofre impedimentos de ordem ideológica e paradigmática para acontecer. Precisamos lembrar que a Ciência em sua vertente cartesiana que é baseada em dados colhidos e fatos

¹⁶ Tradução sugerida - King sugere o termo 'aparelho de produção literária' para destacar o surgimento de o que é corporificado como literatura na interseção de arte, negócios e tecnologia. O aparato de produção literária é uma matriz a partir da qual nasce a 'literatura'. Concentrando-se no potente objeto de valor chamado 'poema', King aplica seu quadro analítico à relação das mulheres e da escrita tecnologias (King, 1987b). Gostaria de adaptar o seu trabalho à compreensão a geração - a produção e reprodução reais - de corpos e outros objetos de valor em projetos de conhecimento científico. À primeira vista, há é uma limitação ao uso do esquema de King inerente à 'facticidade' da discurso que está ausente do discurso literário e de suas pretensões de conhecimento. Está corpos biológicos 'produzidos' ou 'gerados' no m mesmo sentido forte que poemas? Desde os primeiros movimentos do Romantismo no final do século XVIII século, muitos poetas e biólogos acreditaram que a poesia e os organismos são irmãos.

observados e reprodutíveis, praticamente não permite que o autor extrapole os limites impostos pela realidade das regras acadêmicas que criou.

No próximo capítulo, trataremos justamente deste assunto: as ciências e o cartesianismo, e de como chegamos a um ponto onde a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade necessitam de estímulo e comprometimento para acontecer. E principalmente, de como podemos demonstrar que não só isso é possível, mas desejável como um processo evolutivo para a literatura, as ciências humanas e as outras ciências em geral, especialmente no que diz respeito à sobrevivência neste planeta, sob o ponto de vista feminista e ético de Donna Haraway.

A intenção aqui é esclarecer o mais resumidamente possível como ela pode ser interpretada no contexto das “Estórias de Camille”, onde os personagens demandam saberes situados. Tal como afirma Haraway: “saberes situados exigem que o objeto de conhecimento seja retratado como um ator e agente, não uma tela ou um terreno ou um recurso, nunca como, finalmente, escravo do mestre que fecha a dialética em sua agência e autoria únicas de conhecimento "objetivo".” (HARAWAY: 1991, p.198).

O que ela afirma categoricamente é que aquele que pretende conhecer algo deve estar aberto ao que esse objeto tem a “dizer” e que não se meça esforços para “ouvir” discurso e respeitá-lo como a um igual, procurando compreendê-lo.

17. *Staying with the trouble, to stay with the trouble* - Seguindo com o incômodo ou Seguir com o incômodo

Aprender a herdar sem negar a herança, e seguir com os incômodos habitando mundos danificados com terras arrasadas, ar e águas poluídas, espécies extintas ou em extinção, ambientes tóxicos entre outras coisas. Referindo-se à complexidade das relações multiespécies dentro do conceito de um grande emaranhado, do peso das ações nesse campo, e como ela vai puxando os fios dos nós sem escolher um fio específico, para segui-los sem saber qual o destino deles, o que pode ser uma história que irá desvendar os poderes que regem a vida.

Nas palavras da própria autora cito:

Original: Staying with the trouble does not require such a relationship to times called the future. In fact, staying with the trouble requires learning to be truly present, not as a vanishing pivot between awful or edenic pasts and apocalyptic or salvific futures, but as mortal critters entwined in myriad unfinished configurations of places, times, matters, meanings. (HARAWAY: 2016, p.1)¹⁷

Donna Haraway explica na próxima citação como seguir com o incômodo pode ser um método para compreender as conexões, os nós e as figuras-de-corda para alcançar uma clareza do processo que o caminho traçado, ou melhor, trançado revela e como é possível através dessa prática cultivar a justiça multiespécies.

Original: First, promiscuously plucking out fibers in clotted and dense events and practices, I try to follow the threads where they lead in order to track them and find their tangles and patterns crucial for staying with the trouble in real and particular places and times. In that sense, SF is a method of tracing, of following a thread in the dark, in a dangerous true tale of adventure, where who lives and who dies and how might become clearer for the cultivating of multispecies justice. (HARAWAY: 2016, p.3)¹⁸

18. SF -*Science Fiction, Speculative Fabulation, String Figures, So Far*

É um acrônimo que pode significar qualquer uma destas palavras: Ficção Científica, Fabulação Especulativa, Figuras de Corda/Cama-de-Gato, Até Agora.

Original: Although hardly free of the sterilizing narrative of wiping the world clean by apocalypse or salvation, the richest humus for their inquiries turned out to be SF—science fiction and fantasy, speculative fabulation, speculative feminism, and string figures. Blocking the foreclosures of utopias, SF kept politics alive. So, storytelling was the seed bag for flourishing for compostists, and Camille 1 was fed on stories. (HARAWAY:2016, p.150)¹⁹

¹⁷Tradução sugerida- “Seguindo com o incômodo” não requer uma relação com os tempos que chamamos de futuro. Na verdade, seguir com o incômodo requer aprender a estar verdadeiramente presente, não como um desaparecimento pivotante entre passados terríveis ou edênicos e futuros apocalípticos ou salvíficos, mas como criaturas mortais entrelaçadas em uma miríade de configurações inacabadas de lugares, tempos, assuntos, significados. (HARAWAY:2016, p.1)

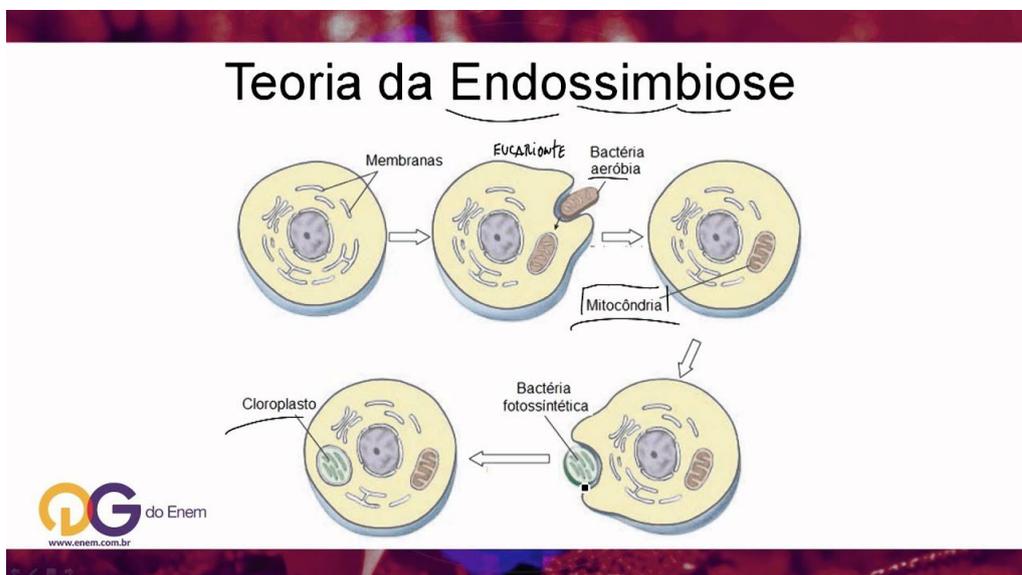
¹⁸ Primeiro, puxando de qualquer jeito as fibras que estão em eventos e práticas densas, eu tento seguir os fios para onde eles se direcionam a fim de rastreá-los e encontrar seus emaranhados e padrões cruciais para seguir com o incômodo em lugares e tempos reais e específicos. Nesse sentido, SF é um método de rastreamento, de seguir um fio no escuro, em uma perigosa e verdadeira história de aventura, onde poderá ficar mais claro quem vive e quem morre no que tange o cultivo da justiça multiespécies. (HARAWAY: 2016, p.3)

¹⁹ Embora dificilmente livre da narrativa esterilizante de sanear o mundo pelo apocalipse ou pela salvação, o húmus mais rico para suas investigações acabou por ser a SF - ficção científica e fantasia, fabulação especulativa, feminismo especulativo e figuras de cordas. Impedindo o embargo dos processos

19. Symbiogenesis and Transfection - Simbiogênese e Transfecção

Primeiro, esclarecemos que simbiose “é uma interação mútua envolvendo associação física entre “organismos com nomes diferentes”. Os exemplos clássicos de simbiose são os líquens, nos quais um fungo está associado a uma alga ou cianobactéria.” (MARGULIS, 2002, em “Preâmbulo” de MAYR, E.).

A Endossimbiose, que é um termo evolutivo, se refere à origem e aquisição de novos tecidos, órgãos, organismos e espécies através de simbiose permanente. A simbiogênese faz parte da teoria da Endossimbiose, mas o inverso não é verdadeiro.



O fenômeno evolucionário descrito por Lynn Margulis como, “Simbiogênese é uma mudança evolucionária causada pela aquisição de grupamentos de novos genes herdados.”, em seu livro, *Symbiotic planet: a new look at evolution* (MARGULIS, 1988, p.11). Segundo Margulis, a simbiogênese é:

Original: a combination of two totally different genomes forms a symbiotic consortium which becomes the target of selection as a single entity. By the mutual stability of the relationship, symbiosis

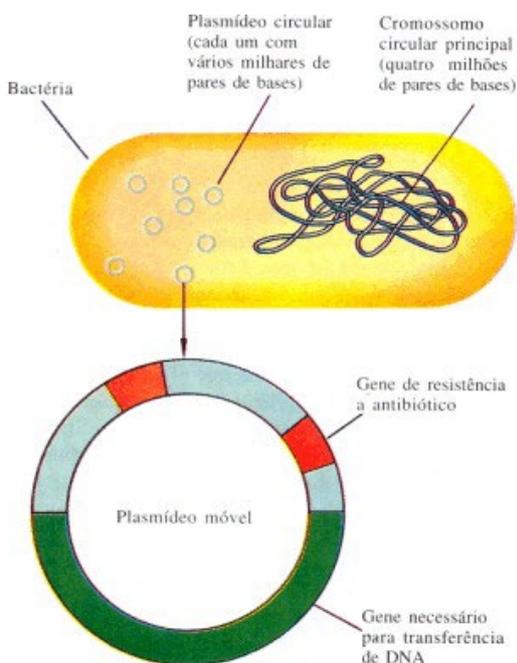
utópicos, a SF manteve a política viva. Portanto, para os compostistas contar histórias foi a reserva de sementes para o florescer, e Camille 1 foi alimentada através de histórias. (HARAWAY: 2016, p.150)

differs from other cases of interaction such as carnivory, herbivory, and parasitism. (MARGULIS: 2002, Preface)²⁰

Donna Haraway explica em seus termos que é uma bactéria que come outro ser que nunca consegue digerir, tornando-se então um terceiro organismo.

Transfecção é o processo intencional pelo qual genes de uma espécie são incorporados ao código genético de outra. Em geral é realizada usando plasmídeos que por sua vez são um tipo de DNA circular presente no citoplasma de bactérias que se replicam de forma independente. Mas também pode ser realizada por método químico ou físico.

Plasmídeos em Transfecção



Transfecção ou transformação

Figura 02- Desenho – Plasmídeo circular em ampliação sob a bactéria para onde houve transfecção com o propósito de inserir o código genético que ele carrega para fusão com o código genético da bactéria.

20. *Sympoiesis* - Simpoiese

²⁰ uma combinação de dois genomas totalmente diferentes forma um consórcio simbiótico que se torna o alvo da seleção como uma entidade única. Pela estabilidade mútua do relacionamento, a simbiose difere de outros casos de interação como carnívora, herbívora e parasitismo. (MARGULIS: 2002, Preâmbulo)

É um caminho de desenvolvimento estável ao longo do tempo. Referindo-se à simpoiese como termo de substituição para o conceito de autopoiese de Maturana e Varela, ao qual ela se opõe com base no fato de que nenhuma "coisa" faz a si mesma. Donna faz simpoiese com os autores citados. *Poiesis* é um termo grego que significa produção. Autopoiese quer dizer autoprodução. A palavra surgiu pela primeira vez na literatura internacional em 1974, num artigo publicado por Varela, Maturana e Uribe, para definir os seres vivos como sistemas que produzem continuamente a si mesmos. “Esses sistemas são autopoieticos por definição, porque recompõem continuamente os seus componentes desgastados. Pode-se concluir, portanto, que um sistema autopoietico é ao mesmo tempo produtor e produto.” (MARIOTTI, p.01,1999).

Original: Sympoiesis—making-with—is a keyword throughout the chapter, as I explore the gifts for needed thinking offered by theorists and storytellers. My partners in science studies, anthropology, and storytelling—Isabelle Stengers, Bruno Latour, Thom van Dooren, Anna Tsing, Marilyn Strathern, Hannah Arendt, Ursula Le Guin, and others—are my companions throughout tentacular thinking. With their help, I introduce the three timescapes of the book: the Anthropocene, the Capitalocene, and the Chthulucene. (HARAWAY:2016, p.5)²¹

²¹ Tradução sugerida : Simpoiese - fazer com - é uma palavra-chave ao longo do capítulo, à medida que exploro os dons para o pensamento necessário oferecido por teóricos e contadores de histórias. Meus parceiros em estudos de ciências, antropologia e contação de histórias - Isabelle Stengers, Bruno Latour, Thom van Dooren, Anna Tsing, Marilyn Strathern, Hannah Arendt, Ursula Le Guin e outros - são meus companheiros em todo o pensamento tentacular. Com a ajuda deles, apresento os três timescapes do livro: o Antropoceno, o Capitaloceno e o Chthuluceno.(HARAWAY: 2016, p.5)

21. *String Figures or Cat's Cradle - Figuras de Corda/Barbante ou Jogo da Cama-de-Gato*

É um jogo tão antigo que é impossível determinar onde surgiu, ninguém pode reivindicar sua invenção ou origem. Seu sistema de estratégias lembra um pouco o Cubo de Rubik ou Cubo Mágico por causa das relações espaciais que devem estar previstas nos movimentos do jogo. Mas basicamente é um pedaço de barbante comprido amarrado pelas duas pontas num nó. Usa-se as mãos e até mesmo a boca para jogar. Pode ser jogado por uma só pessoa, mas fica muito mais interessante quando é jogado por duas ou mais. Parece simples, mas envolve um tipo de visão não somente espacial, mas raciocínio lógico, habilidade manual e não tem necessariamente ganhadores. Cada jogada monta uma figura de corda a que costumam atribuir nomes. As figuras podem ser inventadas e reinventadas, mas frequentemente os iniciantes jogam para aprender os movimentos básicos. A necessidade de entender a estratégia também lembra um pouco outro jogo, o xadrez. A Cama-de-Gato é uma das figuras mais simples e costuma ser a figura que abre o jogo.

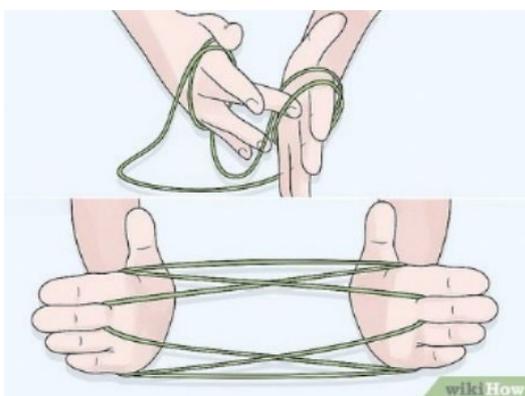


Figura. 03- Desenho- Cama-de-gato - O desenho mostra o trançado do barbante ou corda nas mãos do jogador, formando o primeiro movimento que dá origem as outras figuras-de-corda, ou barbante, chamado de cama-de-gato.

A importância desse conceito nesse trabalho é que para Donna Haraway, esse jogo representa as inter-relações entre os jogadores, os quais não só devem se esmerar em entregar um desenho significativo, mas útil em algum nível. E principalmente que possa ter prosseguimento nas mãos do próximo jogador. A autora aplica esse princípio como de preferência para que os seres, todos os seres, façam suas interações.

A aplicabilidade do desenho tem que estar prevista para a habilidade do jogador que irá receber, seja ele um humano, uma vaca, uma bactéria ou uma pedra. Qualquer

outra premissa pode implicar na exclusão de um ou mais jogadores e é o oposto do objetivo desejado numa Composteira ou na Compostagem.

22. *Syms* – *sym* ou *συμβ* do grego

Significa o que está “com, em companhia de, junto com”. Referindo-se aos pais biológicos e os que não se incluíam por definição na categoria.

Ex: “*Syms and non-syms, sometimes literally, did not see eye to eye easily.*” Em português: Syms e não syms, às vezes literalmente, não concordavam facilmente. (HARAWAY, p.140, 2016)

23. *Transmogriphy* - Transmogrificar

Quando um item adquire a aparência de outro item. A mudança é somente estética pois os atributos continuam os mesmos. É um *portmanteau* (união parcial) entre transformar (*Transform*) e modificar (*Modify*).

Esta palavra tem duas acepções cabíveis no contexto deste trabalho:

1. Quando um item adquire a aparência de outro item. A mudança é somente estética pois os atributos continuam os mesmos. Podemos imaginar isso acontecendo na interação entre seres diferentes em conexão simbiótica.

2. Verbetes cunhado pelo astrofísico Carl Sagan na acepção da transformação da matéria em consciência, através dos 15 bilhões de anos da evolução cósmica: “*A informação contida nos nossos genes, nos genes das outras espécies. Toda a informação contida nas bibliotecas do mundo e toda a cultura e a ciência humana.*” Podemos entender que o pensamento tentacular promove e incentiva essa prática com vetores opostos: matéria para consciência e vice versa.

24. *Yoking together* - Jungindo, juntando

Jungir duas coisas ou agregá-las uma à outra.

25. *Worlding* - Mundificação

No universo da autora refere-se ao ato de potencializar e/ou promover condições que possam ajudar a construir mundos através das conexões entre os seres e a contação de histórias ou estórias.

26. *Cosmopolitics*- Cosmopolítica

Este termo ficou de fora deste glossário pois apesar de aparecer várias vezes nos textos estudados entendo que a ampla discussão em torno dele mereceria uma monografia exclusivamente dedicada a ele. Sugiro que aqueles que sentirem necessidade de entender melhor a visão de Donna Haraway a esse respeito, procure estudar os autores Isabelle Stengers e Bruno Latour. Sempre lembrando que além destes dois autores há outros com visões diferentes e igualmente interessantes.

CAPÍTULO 2 - A Ciência e a Fabulação Especulativa

2.1 Uma breve história da separação entre as “Ciências”

Antes do advento da escrita, da narrativa grafada, a oralidade permitia que a pessoa que estivesse contando ou cantando uma história cocriasse com a versão original, introduzindo sua própria versão. Essa versão poderia conter adições, omissões e especulações de acordo com a vontade de quem contava ou cantava. Com o registro escrito ficou mais difícil que essa edição ocorresse, a menos que houvesse uma rasura ou muitas. Não foi por falta de rasuras que a especulação e a edição diminuíram. A igreja, por exemplo, editou a Bíblia Sagrada mais de uma vez.

Podemos imaginar que a censura foi um fator limitante primeiro sobre o material escrito e depois impresso após o advento da prensa manual. O material escrito era escasso pela dificuldade de copiar e portanto menos divulgado. A impressão permitiu uma maior dispersão das ideias que antes ficavam restritas. Se por um lado serviu para garantir a permanência de registros, direitos e leis, por outro abriu a temporada de caça aos dissentes.

Desde a Grécia antiga de Aristóteles, passando pela Renascença com Galileu Galilei e pelo Iluminismo de Giambattista Vico, a metafísica, a filosofia, as artes plásticas e literárias foram sendo dominadas progressivamente por poucos da elite. Pela mão de René Descartes (que ironicamente tem na sua biografia uma bela dança com a metafísica dos sonhos) os outros modos de fazer ciência, que não fossem o método Cartesiano, foram sofrendo restrições e isso gerou um rigor, engessando a especulação. É necessário deixar claro que essa alusão a Descartes é baseada no método de pesquisa como hoje é usado especificamente dentro das Ciências Médicas que é minha primeira graduação. Não cabe nesse trabalho uma extensa elaboração para cobrir o que cada corrente de pensamento pensa sobre o método, pois seria necessário no mínimo um capítulo exclusivo.

É inegável a contribuição do Cartesianismo nas Ciências da Natureza em geral, se considerarmos que este modelo de estudo foi fundamental para o desenvolvimento ordenado do pensamento científico atual. Os quatro pilares do método Cartesiano se baseiam em evidência, análise, ordem e enumeração. Dessa forma, ele pretendia impedir a ambiguidade interpretativa e a dependência da aceitação das autoridades,

quaisquer que fossem: políticas, religiosas, aristocráticas entre outras. Foi um esforço no sentido de desenvolver ciência sem precisar atender aos interesses dos poderosos. E ao mesmo tempo, é a busca de uma verdade primeira que não possa ser posta refutada por argumentos que sejam obtidos através de outro método diferente. É um método de conhecimento guiado pela razão e não pelas crenças, paradigmas, tradições e interesses.

Sem seguir os preceitos cartesianos, muito da “pseudociência” foi devidamente eliminada, a superstição foi descreditada e avanços foram possíveis em diversas áreas do conhecimento humano. No entanto, a necessidade de estudos de comprovação e replicação de teses e experimentos foi de tal modo subjugando outros modos de conhecimento, que até hoje o que não se conseguir provar ou demonstrar cartesianamente, cai no terreno da mera suposição, opinião, farsa ou impressão subjetiva.

Cito como exemplo a Medicina Tradicional Ocidental e a Medicina Tradicional Chinesa, que constroem o conhecimento a partir de paradigmas, métodos e técnicas completamente diferentes. É muito difícil, (embora já tenha sido realizado) fazer um experimento, uma pesquisa, dentro do modelo Cartesiano quando se trata de Medicina Chinesa. É quase impossível, a menos que se quebre algumas regras, e isso consiste em ocidentalizar e distorcer conceitos muito diferentes.

O Cartesianismo passou a ser o modelo para investigações científicas de modo geral, ainda que a tecnologia, os meios, o modelo, sejam insuficientes para satisfazer as exigências deste. Apesar da falta de competência humana para investigar dentro dos parâmetros cartesianos, se não for possível provar um fato ou ele não existe, ou este poderá ser considerado mentira ou fantasia. A hipótese pode eventualmente ser refutada como se Descartes houvesse inventado a língua universal e exclusiva para as ciências.

É no Antropoceno ou preferencialmente no Chthuluceno, que é o período que Donna Haraway gostaria que fosse o período de influência da nossa espécie no meio ambiente, que o resto do mundo passa a ser definido pela régua criada pelo ser humano cartesiano. Com o desenrolar do Antropoceno, nos coube o ônus de rejeitar o que não conseguimos provar que existe, especialmente dentro da contação de histórias no âmbito especulativo, a qual, passou a figurar no terreno da fantasia e do inverossímil.

2.2 A busca pela Ciência original

Na metade do século XX, Charles Percy Snow, acadêmico da Universidade de Cambridge e que foi contemporâneo de G.E Hutchinson, notou que dentro do ambiente universitário havia uma divergência cada vez maior entre as correntes de pensamento das chamadas áreas de ciências e de humanidades, em especial a Literatura. Tendo formação em Letras por vocação e Ciências por necessidade, como ele mesmo nos conta, ele conviveu com ambas as categorias acadêmicas e viu que estavam se afastando uma da outra a ponto de não haver uma possibilidade de diálogo por mais banal que fosse. Snow poderia ser considerado “bilíngue” por transitar em ambos os lados, o de humanidades e o científico, e ficou consternado ao constatar que a falta de comunicação não era apenas esnobismo mútuo, mas uma impossibilidade real em compreender paradigmas uns dos outros.

No livro *As Duas Culturas e a Revolução Científica* (1959), ele elabora essa questão ao narrar suas experiências de convivência coletiva com colegas de todas as áreas de formação, desde exatas, humanas e artes. Ele discorre com considerável lucidez sobre os problemas estruturais da sociedade, mais especificamente a britânica, que levou a essa separação. Comenta como as superespecializações e grupos de indivíduos que poderiam cooperar entre si distanciaram-se. Observa que até mesmo dentro do próprio campo das ciências o diálogo foi sendo cada vez menos frequente levando a dificuldades de compreensão entre os cientistas de diferentes áreas.

Por um lado, a cultura científica é realmente uma cultura, não apenas em um sentido intelectual, mas também em um sentido antropológico. Ou seja, seus membros não precisam, e, claro, muitas vezes não conseguem, entender uns aos outros sempre e completamente; biólogos frequentemente terão uma ideia bastante nebulosa sobre a física contemporânea; mas existem atitudes em comum, padrões em comum, comportamentos em comum, abordagens e suposições em comum. Isso é surpreendente amplo e profundo. Isso atravessa outros padrões mentais como as de religião, política ou classe. (SNOW: 1959, p.10)

Ele conclui que o resultado dessa separação acadêmica, a falta de boa comunicação, colaboração e espaço para discussão empobrece os dois lados, o da “Ciência” e o da “Literatura” e principalmente, limita o progresso destes.

É óbvio que entre os dois lados, quando alguém se move da sociedade intelectual dos físicos em direção aos intelectuais literários, existem todas as nuances de sentimentos no caminho. Mas acredito que o polo

da incompreensão total da ciência irradia sua influência sobre todo o resto. Aquela total incompreensão dá, muito mais amplamente do que nós percebemos, entranhada nela, um sabor não científico para o todo da cultura 'tradicional', e aquele sabor não científico é muitas vezes, muito maior do que admitimos, a ponto de tornar-se anticientífico. Os sentimentos de um polo tornam-se os sentimentos reativos do outro. Se os cientistas têm o futuro em seus ossos, então a cultura tradicional responde desejando que o futuro não exista. E a cultura tradicional é até certo ponto notavelmente pouco afetada pela emergência da cultura científica, que gerencia o mundo ocidental. Essa polarização é uma perda total para todos nós. Para nós como pessoas e para a nossa sociedade. É ao mesmo tempo uma perda prática, intelectual e criativa. (SNOW: 1959, p.11 e 12)

No entanto, sabemos bem que este não é de modo algum um fenômeno localizado nem no espaço e nem no tempo. Pelo contrário, vem se repetindo ao longo dos séculos e está amplamente disseminado como prática hoje, embora inúmeros grupos tenham surgido contra esse *modus operandi*, visando resgatar a comunicação entre as partes da ciência que buscam comunicação, interação e até integração.

2.3 A busca pela Ciência atual

Guilherme Preger, graduado em Engenharia, defendeu sua tese de doutorado em Letras na UFRJ, no ano de 2020, onde analisa o livro de Snow diante de um contexto atualizado tendo como foco o discurso científico frente à fabulação especulativa. Segundo Preger, sua tese parte do problema apresentado por Snow, mas seu objetivo é elaborar um panorama entre discurso científico e literário sem que estes percam sua distinção e autonomia.

Esse autor faz uma apresentação elaborada sobre as causas históricas dessa separação entre ciências e humanidades, tece longas considerações a respeito da trajetória divergente entre o que denomina de “Ciências” e “Literatura”, e cita protagonistas históricos e suas teorias nesse drama épico que evoluiu durante milhares de anos para o que hoje consideramos áreas de conhecimento, em princípio, separadas.

Ele se aprofunda na ideia de que a existência de um observador é a força direcionadora para a narrativa em qualquer modalidade de estudo. Comenta como a multiplicidade de vozes é rejeitada pelas ciências e como o observador cientista passa a influenciar diretamente a narrativa que pressupõe imparcial e atemporal pretendendo manter a observação contida num determinado paradigma considerado correto. Por

outro lado, afirma que o discurso ficcional da fabulação especulativa tem um enfoque mais voltado para a cognição atravessada pelo observador, que ela resgata de sua suposta imparcialidade, admitindo cooperação na narrativa valendo-se de múltiplas vozes inter e transdisciplinares, como método e perspectiva, ao acessar saberes técnicos e literários. Ele diz que “não se trata de entender o sentido literário da ciência ou o sentido eventualmente científico da teoria da literatura.” (PREGER: 2020, p.13). Ele apresenta um narrador/observador em busca de uma “heurística literária”, prática que poderemos encontrar nos escritos de Donna Haraway, e mais especificamente nas “As Estórias de Camille: crianças da composteira” no capítulo oito.

No livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), de Ailton Krenak, líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro, encontramos saberes de importância fundamental para agregar compreensão e substância de natureza prática que habilite ação com responsabilidade (habilidade de resposta) para encaminhar os seres para além do Antropoceno, para uma outra era que seja justa e habitável em todos os níveis de existência. Ele diz:

A conclusão ou compreensão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como Antropoceno deveria soar como um alarme nas nossas cabeças. Porque, se nós imprimimos no planeta Terra uma marca tão pesada que até caracteriza uma era, que pode permanecer mesmo depois de já não estarmos aqui, pois estamos exaurindo as fontes da vida que nos possibilitaram prosperar e sentir que estávamos em casa, sentir até, em alguns períodos, que tínhamos uma casa comum que podia ser cuidada por todos, é por estarmos mais uma vez diante do dilema a que já aludi: excluímos da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco todas as outras formas de viver — pelo menos as que fomos animados a pensar como possíveis, em que havia corresponsabilidade com os lugares onde vivemos e o respeito pelo direito à vida dos seres, e não só dessa abstração que nos permitimos constituir como uma humanidade, que exclui todas as outras e todos os outros seres. (Krenak: 2019, p. 46 e 47)

Krenak também comenta em seus escritos como a evolução científica proporcionada pelos experimentos e pesquisas trouxeram não só uma falta de diálogo entre os saberes, mas também uma sensação de tragédia iminente ao nosso presente, graças às tecnologias que floresceram a partir das guerras: a primeira, a segunda e a terceira, chamada “Fria” porque nela não houve explosões, mas foi abundante em ameaças que não desapareceram de todo.

O Colóquio Internacional “Os Mil Nomes de Gaia: Do Antropoceno à Idade da Terra”, promovido pelo escritor e antropólogo Eduardo Viveiros de Castro e pela filósofa Débora Danowski, contou com a participação de Aílton Krenak, e os três são citados por Donna Haraway, em seus agradecimentos no início de *Seguindo com o incômodo e fazendo parentesco no Chtulhuceno*. Ailton é reconhecido internacionalmente pelo seu trabalho junto aos povos originários da floresta e pelo seu ativismo socioambiental e político. Suas ideias estão em ressonância com o pensamento de Donna Haraway e seus colegas de estudo em todo o mundo. Na participação de Haraway no evento, através de vídeo, a autora fez conexões entre os saberes dos povos originários da Califórnia e do México e introduziu elementos de suas culturas no capítulo das “Estórias de Camille”. Na ocasião, a autora citou um o poema “Yo soy Mazahua”, de Julio Garduño Cervantes, poeta mexicano, que faz parte da experiência da Camille da segunda geração, mostrando a importância desses povos no desenvolvimento dos mundos semeados pela fabulação especulativa.

O Antropoceno é marcado por guerras longas e saltos tecnológicos muito rápidos como a progressão da Revolução Industrial que começou na Inglaterra a partir da segunda metade do século dezoito até o surgimento da Internet em 1969, nos Estados Unidos. Krenak comenta:

O desconforto que a ciência moderna, as tecnologias, as movimentações que resultaram naquilo que chamamos de “revoluções de massa”, tudo isso não ficou localizado numa região, mas cindiu o planeta a ponto de, no século XX, termos situações como a Guerra Fria, em que você tinha, de um lado do muro, uma parte da humanidade, e a outra, do lado de lá, na maior tensão, pronta para puxar o gatilho para cima dos outros. Não tem fim do mundo mais iminente do que quando você tem um mundo do lado de lá do muro e um do lado de cá, ambos tentando adivinhar o que o outro está fazendo. Isso é um abismo, isso é uma queda...na verdade, a ciência inteira vive subjugada por essa coisa que é a técnica. Há muito tempo não existe alguém que pense com a liberdade do que aprendemos a chamar de cientista. Acabaram os cientistas. Toda pessoa que seja capaz de trazer uma inovação nos processos que conhecemos é capturada pela máquina de fazer coisas, da mercadoria. (KRENAK: 2019, p. 61 e 62)

As “Estórias de Camille” representam um possível vínculo entre a ciência e literatura através da prática coletiva de fabulação especulativa. A seguir, explicarei conceitos, termos e questões presentes na obra de Haraway e como estes podem compor textos literários em prol da construção, da semeadura de mundos que sejam habitáveis e

inclusivos para todas as espécies existentes e que vierem a existir. O Antropoceno, conceito que analisarei melhor adiante, é caracterizado, entre outras coisas, pelo afastamento da cognição humana com relação à interdependência com a natureza. Ele é, portanto, resultado do absoluto descaso com as transformações que estavam acontecendo no meio ambiente, e que culminaram na crise climática discutida no primeiro capítulo deste trabalho.

2.4 A Fabulação Especulativa (FE):

O ser humano especula desde sempre. Animais, insetos e plantas também especulam. Sem especulação nada novo seria tentado e a evolução seria obra completa de forças do acaso impulsionador ou extintor, como Darwin supôs que houvesse sido antes da intervenção humana, consciente ou inconsciente. Hoje já sabemos que as forças em ação na evolução na natureza vão muito além do acaso, da mutação adaptativa. Cada ser em sua própria condição de limitação ou de potencial especula de alguma forma: racional ou irracional, intuitiva ou induzida. Girassóis especularam, não por acaso, virando seus caules até conseguirem seguir o sol. Macacos ilhados especularam como conseguir rachar um coco, até descobrirem uma pedra boa. Especular é fundamental à vida para inovar, renovar e evoluir.

Em *Symptoms of the Planetary Condition: A Critical Vocabulary* (2017), Kiene Brillenburg Wurth, professora titular de Literatura e Mídia Comparada na Universidade de Utrecht, afirma:

Criação é especulação. Especular é considerar, ponderar e adivinhar. A incerteza, a abertura inerente ao verbo especular indica nossa direção para pensar sobre criação. O modelo mais antigo para conceituar a criação é a criação *ex nihilo*, a especulação sobre começos absolutos que trazem o novo: gerar algo novo a partir do nada. Por um longo tempo até a era romântica – diríamos que *creatio ex nihilo* era uma atividade reservada aos deuses. Era uma atividade além do conhecimento existente, além das regras existentes: um ato de liberdade.(WURTH: 2017, p.35)

A inovação especulativa na criação, na condição de ato desafiador da autoridade, seja ela divina ou secular, geralmente não é prontamente acolhida pelo *status quo*. Ao contrário, a história está repleta de especuladores ameaçados e até submetidos às mais

rigorosas torturas e interrogatórios seguidos de morte, conforme já foi comentado antes, e é na literatura e nas artes o território onde a especulação pode “existir”.

Os especuladores do passado eram filósofos, astrólogos, médicos, astrônomos, alquimistas, sábios orientais, religiosos judeus, católicos, maçons, templários, estudiosos de todo tipo. É muita gente através de milênios de história, por exemplo: Sócrates, Aristóteles, Abelardo, Roger Bacon, Amaury de Chartres, Galileu Galilei, Giordano Bruno, Immanuel Kant, Eckhart Von Hochheim, Pascal, Dante de Alighieri, Rousseau, até mesmo Darwin e o próprio Descartes.

Sócrates foi condenado porque suas especulações desagradaram poderosos da época. Dentro do Judaísmo a especulação é limitada porque os judeus têm regras para discutir a Torá e a Cabala. Mesma coisa com o Alcorão, pode haver perguntas mas não se abre espaço para pontos de vista fora do padrão imposto. Os Taoístas, Confucianos Budistas e Iogues entraram em discórdia no Oriente por causa da especulação entre as vertentes. A China reprime a religião no Tibet por esse mesmo motivo. Na prática, a especulação nunca deixou de existir e nunca vai deixar de existir, mas é preciso que seja vista como ferramenta de evolução e respeitada como método de progresso em qualquer questão.

Já a fabulação, como a vê Donna Haraway, é um ato de rebeldia dentro do Antropoceno dos geólogos, do Capitaloceno dos economistas ou do Plantacioceno pensado por Donna em conjunto com Anna Tsing, sua colega de academia. É uma necessidade imperativa dirigida ao ato de semear-com mundos multiespécies. E o filósofo Gilles Deleuze (1989) nos aponta claramente onde a fabulação causa maior desconforto: nos sistemas autoritários, que promovem sem o menor constrangimento uma subjugação do ato indesejado de especular. De acordo com Deleuze:

A fabulação não é um mito impessoal, mas também não é uma ficção pessoal: é uma palavra em ato, um ato de fala através do qual o personagem continuamente atravessa a fronteira que separaria seus negócios privados da política, e que ela mesma produz enunciados coletivos. (DELEUZE: 1989, p.222/289, 1989, Wiame, 2018)

Em *Manifesto das espécies companheiras*, há uma entrevista com Nicholas Gane onde Donna afirma enfaticamente:

Me recusei até o ano passado a ler Deleuze e Guattari. Sou uma leitora muito recente e agora sei por que me recusava a ler suas obras. Todo mundo ficava me dizendo que eu era uma deleuzeana e eu respondia: “de jeito nenhum”. Essa é uma maneira de fazer pensadoras parecerem derivadas de filósofos homens, frequentemente seus contemporâneos – derivadas ou a mesma coisa, quando não somos nenhuma das duas. O meu Deleuze é o feminismo transmutante de Rosi Braidotti, uma história totalmente diferente. (HARAWAY: 2016, p.162)

É inegável que Deleuze e Haraway têm ideias bastante semelhantes, por vezes convergentes diante de algumas questões, apesar de ela ter se recusado a ler os trabalhos dele por muito tempo. No caso, especificamente sobre a fabulação especulativa, as convergências são significativas. Mas ela mesma explica por que prefere citar Rosi Braidotti, filósofa continental contemporânea e teórica feminista, atualmente Professora da Universidade de Utrecht, onde leciona desde 1988. Braidotti é uma grande aliada e uma inspiração feminista no pensamento de Haraway em situações inter e transdisciplinares, juntamente com outras pensadoras feministas.

Nos últimos duzentos anos, a reputação do gênero conhecido como Ficção Científica, que tem como um de seus representantes ilustres o livro *Frankenstein* de Mary Shelley publicado em 1818, foi caindo em descrédito proporcionalmente ao ganho de sua popularidade. Os gêneros de Ficção de Terror, no qual Frankenstein está igualmente incluído e a Ficção de Fantasia que envolve seres fantásticos e mitológicos, também sofreram a mesma desvalorização sendo catalogados como sublitteratura ou não-literatura pelos escritores consagrados pela elite intelectual e econômica.

A expressão “Fabulação Especulativa” era praticamente pejorativa no final do século dezenove e muitas vezes era usada para substituir a “Ficção Científica”, ou “Ficção Experimental” como rótulo, porque “Ficção Científica” era mais criticada como gênero literário. Os cientistas não apreciavam algo que não estivesse dentro dos mais rigorosos parâmetros da Ciência Cartesiana e fosse rotulado como “Científico”. Mas no final do século dezenove e início do século vinte, o termo “Fabulação Especulativa” começou a ser resgatado junto com “Ficção Científica” através do sucesso das obras de escritores prestigiados como Júlio Verne, Úrsula Le Guin, Ray Bradbury entre outros que ousaram escrever e assumir o gênero ficcional e científico. E no início dos anos sessenta, o uso desses rótulos e de muitos outros que eram novos,

como *o Cyberpunk*, por exemplo, passaram a integrar a categoria de gêneros literários nas estantes sem maiores oposições.

Além de entender o desenvolvimento daquilo que hoje é conhecido como fabulação especulativa, é preciso entender como essa modalidade de escrita é expressa ativamente por Donna Haraway, e principalmente quais as bases que ela usou para articular seu pensamento na sua escrita, como a técnica da Bolsa de Transporte de Ficção, criada por Úrsula Le Guin, que envolve uma contação e recontação de histórias através de múltiplos “pontos de vida”, citando Coccia novamente.

Sabe-se que escrever a quatro, oito, dez, doze mãos, é mais rico embora também mais caótico, do que escrever sozinho. É o que se faz entre os seres que escrevem, os seres que são escritos e o mundo. O incentivo é buscar os seres Ctônicos que habitam no presente espesso, ou habitam o Chthuluceno, e fazer uma inclusão transversal, não linear, não necessariamente caótica, porém sempre potencialmente caótica.

Kiene Wurth, rejeita o conceito de criação *ex nihilo* como prerrogativa divina e aborda o caos em *Symptoms of the Planetary Condition: A Critical Vocabulary*:

Filósofos modernos como Alfred Whitehead (1925,1926,1929) e Gilles Deleuze (1988), bem como teólogos processuais e relacionais (como Catherine Keller em *The Face of the Deep*, 2003) tem um problema com a *creatio ex nihilo* porque começa do modelo de uma origem que anula toda diferença e interrompe todo movimento. Tudo começa e termina com essa origem que normalmente gera o novo como ordem do caos, forma saída da monstruosa falta de forma. Não queremos essa origem, não só porque é violentamente carregado, mas também porque a dicotomia entre a ordem e o caos não faz justiça à criação como processo constante. (WURTH: 2017, p.38, 2017 In Bunz et all, 2017)

Porque para Wurth, o caos não pode ser encarado como uma força meramente desagregadora que deve se submeter necessariamente à ordem para que ocorra a criação. Ela sugere que a criação é um processo contínuo onde ordem e caos coexistem. O caos pode também ser uma força tão agregadora, levando a preensões que geram concretudes, quanto desagregadora e dispersante. No processo de criação, todos os movimentos importam igualmente porque a mundificação é um processo mundano e não divino.

Peter Lamborn Wilson mais conhecido como Hakim Bey, nome que adotou após seus estudos no oriente, é historiador, sufi, poeta e teórico libertário. Em 1985 escreveu seu livro *TAZ: Zona Autônoma Temporária* e é muito lido nos círculos anarquistas desde o final do século vinte e século vinte um. A noção de Zona Autônoma Temporária guarda algumas semelhanças com a compostagem, a composteira de Donna Haraway.

Para ele, a ZAT ou TAZ (em inglês Temporary Autonomous Zone) seria um agrupamento, uma aglomeração voluntária de pessoas com uma meta em comum que formariam uma rede independente de relações e comunicação, que fugiria ao controle do estado, seguindo abaixo da linha de vigilância deste, com sua própria organização social e liberdade de agir.

Hakim Bey vê o caos como potência criadora, com olhos nem tão discordantes dos filósofos citados anteriormente como possa parecer de imediato. Ele vê o caos como a liberdade criativa intrínseca, sem satisfação a dar a deuses e homens. Ele incita à revolta contra as regras estabelecidas por herança, contra os paradigmas mofados, chama ao retorno para o primitivo encontro com a natureza no momento presente. Bey rasga o véu da ilusão das limitações impostas pelas crenças, libertando assim o homem subjugado, em seu potencial criador. Ele diz:

O Caos nunca morreu. Bloco intacto e primordial, único monstro digno de adoração, inerte e espontâneo, mais ultravioleta do que qualquer mitologia (como as sombras à Babilônia), a original e indiferenciada unidade-do-ser ainda resplandece, imperturbável como as flâmulas negras frenéticas e perpetuamente embriagadas dos Hassassin. O caos é anterior a todos os princípios de ordem e entropia, não é nem um deus nem uma larva, seus desejos primais englobam e definem toda coreografia possível, todos éteres e flogísticos sem sentido algum: suas máscaras, como nuvens, são cristalizações da sua própria ausência de rosto... Ouça, foi isso que aconteceu: eles mentiram, venderam-lhe ideias de bem e mal, infundiram-lhe a desconfiança de seu próprio corpo e a vergonha pela sua condição de profeta do caos, inventaram palavras de nojo para seu amor molecular, hipnotizaram-no com a falta de atenção, entediaram-no com a civilização e todas as suas emoções mesquinhas. Não há transformação, revolução, luta, caminho. Você já é o monarca de sua própria pele – sua liberdade inviolável espera ser completa apenas pelo amor de outros monarcas: uma política de sonho, urgente como o azul do céu. (BEY: 2003, p.5)

Para Hakim Bey, a dicotomia entre ordem e caos é gerada pelas crenças que o homem cria ou herda e seus paradigmas. Em sua potencialidade não há polaridade e o

caos é neutro e pode ser usado no sonho para constituir devires concretos. O homem que sonha e pensa é livre, e essa condição faz-se indispensável.

Edward Lorenz, meteorologista, descreveu o chamado “efeito borboleta”, uma metáfora usada para ilustrar a ação da Teoria do Caos no clima, que explica por que não é possível prever fenômenos climáticos e atmosféricos com precisão e com antecedência maior do que alguns dias. Essa metáfora ficou impregnada na cultura popular e costuma-se dizer que “O bater de asas de uma borboleta poderia influenciar o curso natural das coisas e, assim, poderia provocar um furacão do outro lado do mundo.”

Podemos ainda, metaforicamente, imaginar o efeito do bater de milhões de vezes das asas das borboletas monarca durante o seu período anual de migração. Há força nos grandes números em ações que podem não estar sincronizadas, mas que têm como incentivo uma mesma meta a ser alcançada. O coletivo costuma ter predominância para determinar o vetor final de uma ação conjunta, ainda que cada integrante bata suas asas num ritmo próprio, ou faça figuras de corda diferentes para seguir-com em direção ao alvo desejado.

O uso das figuras de corda/barbante ou cama-de-gato citadas por Donna Haraway sugere que cada jogador nesse projeto coletivo entregue suas linhas e nós num conceito de caos fabulativo, especulativo, que se apresenta não só como um objetivo, mas como uma oportunidade de co-criação e progressão dos saberes em direção a uma condição com a qual se pode continuar usando o caos, a compostagem e os múltiplos saberes em ação como força de propulsão para inventar. O jogador tem que inventar uma história com as cordas e nós que as recebemos, devemos trabalhar com a trama e entregar outra com a qual o jogo continue. A ideia principal é poder continuar, é pensar-com, seguir-com, ser-com repons-abilidade, ou seja, a habilidade de responder ao que se recebe pensando no mundo como um nó em movimento. As “Camilles “ de Donna Haraway são borboletas monarcas que colocaram essa ideia em prática, cada uma a seu tempo como veremos adiante.

A fabulação especulativa pode ser uma prática de mundificação que esteja no presente ou no futuro, mas que siga-com, fique-com, partilhando-com todos os bichos (*critters*) a tarefa de existir do modo mais apropriado para todos os envolvidos, sejam os parentes improváveis (*oddkin*), as alteridades significativas, os Ctônicos, os de sangue,

os de afinidade, os de proximidade, de infortúnio, de abundância, quaisquer que sejam. Esses mundos podem conter literalmente qualquer possibilidade. Existe uma frase atribuída a Walt Disney, mas que foi dita por Tom Fitzgerald funcionário dele, “Se você pode sonhar, você pode fazer”. O livro *Vinte mil léguas submarinas*, escrito por Júlio Verne muitos anos antes da invenção do submarino é prova disso.

Aílton Krenak nos conta como na tradição indígena brasileira o sonho é importante, e como a manipulação do capital é uma ferramenta impiedosa que influencia mentes para manter o *status quo* que está intimamente ligado à ideia de Antropoceno.

De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho...talvez seja outra palavra para o que costumamos chamar de natureza. Não é nomeada porque só conseguimos nomear o que experimentamos. O sonho como experiência de pessoas iniciadas numa tradição para sonhar. Assim como quem vai para uma escola aprender uma prática, um conteúdo, uma meditação, uma dança, pode ser iniciado nessa instituição para seguir, avançar num lugar do sonho. Alguns xamãs ou mágicos habitam esses lugares ou têm passagem por eles. São lugares com conexão com o mundo que partilhamos; não é um mundo paralelo, mas que tem uma potência diferente...quando, por vezes, me falam em imaginar outro mundo possível, é no sentido de reordenamento das relações e dos espaços, de novos entendimentos sobre como podemos nos relacionar com aquilo que se admite ser a natureza, como se a gente não fosse natureza...O estado de mundo que vivemos hoje é exatamente o mesmo que os nossos antepassados recentes encomendaram para nós.” (KRENAK: 2019, p.65-66)

Usar a fabulação especulativa e a escrita coletiva vinda de múltiplos saberes é uma maneira de sonhar mundos, semear novas realidades possíveis que permitam a todos os seres atravessarem as crises que o planeta enfrenta no presente e os desafios que podem surgir no futuro. A recontação de histórias usando a Bolsa de Transporte de Ficção pode trazer, através das tradições ancestrais, opções esquecidas, antigas soluções e saberes acumulados ao longo dos séculos. Os seres dos mundos semeados podem decidir atualizar e empregar o que foi recontado. O passado pode ensinar o presente e o futuro, pode com-tribuir (oferecer tributo) para especular e semear no processo de seguir-com qualquer incômodo.

2.5 Terrápolis e “As Estórias de Camille: crianças da composteira”

“As Estórias de Camille” no livro *Seguindo com o incômodo no Chthuluceno* (2016) começaram como um experimento. É importante mostrar como uma iniciativa sem grandes necessidades logísticas, armada de afinidade e vontade, gerou tanto material para apreciação. Lembrar disso será fundamental quando entrarmos no capítulo três, onde apresento uma proposta de intervenção através oficinas e cursos de fabulação especulativa nas escolas, nas universidades, na academia em geral e até mesmo fora do ensino tradicional. Abaixo, está descrita pela autora em detalhes a sequência cronológica de eventos que a levaram até o momento da escrita colaborativa. Ela demonstra uma enorme satisfação em reconhecer todos que contribuíram para essa e outras experiências que a inspiraram a pensar e escrever.

Ao longo de quatro anos, participei de um workshop de redação sobre Semear Mundos, em que tanto a redação quanto os generosos comentários críticos de Susan Harding, Anna Tsing, Katie Stewart, Lesley Stern, Allen Shelton, Stephen Muecke e Lauren Berlant sobre meus escritos, remodelaram as figuras, voz, histórias e texturas deste livro. Vinciane Despret me convidou para a Cerisy na Normandia em 2010 para participar de um colóquio de uma semana a fim de nos questionarmos como nos entendemos com relação aos outros animais. Quando as refeições eram anunciadas, os funcionários do castelo apelidavam nosso grupo de “Os animais” para nos distinguir dos grupos de estudiosos mais estritamente humanistas naquele verão, e nos sentimos orgulhosos. Isabelle Stengers me convidou novamente para Cerisy no verão de 2013 para seu colóquio de uma semana chamado “Gestos especulativos”, um evento extraordinário marcado para mim pelas tardes na oficina de narração especulativa. Pessoas com quem trabalhei e troquei em Cerisy habitam cada capítulo de *Seguindo com o incômodo*. Eu não posso citar todo mundo, mas quero agradecer ... (HARAWAY: 2016, p.XIV)

Ela deixa bastante claro no final do livro em “Notas” (Haraway: 2013, p.215) que pretende que essas estórias cujo personagem principal é Camille dêem frutos. Ela gostaria que fosse inspiração para fanfics, estruturas de tramas de outras histórias, especulações científicas, desenhos, designs, imagens, animações, games, personagens, panfletos, manifestos e críticas, bestiários, manuais de campo, blogs²², slogans. Ela

²²Entre 2018, a Universidade de Brighton no Reino Unido embarcou na proposta de Donna e promoveu um simpósio chamado de “Collaborative Future Fictions” produzindo um blog <https://blogs.brighton.ac.uk/secp/2018/10/15/collaborative-future-fictions/> e um livreto *Zine* <https://blogs.brighton.ac.uk/secp/files/2018/11/CFE-Zine-A5-booklet-for-web-FINAL-1sn9aq8.pdf> com o registro da experiência. Acesso em 23/01/2022

acolhe todos. Ela inclusive tem projetos onde espera que se realize o que chama de “Ficção Sym” (de Simbiogênese). Existe um website chamado “Estórias para mudanças²³” (*Stories for change*), um espaço virtual para encontros para contadores/facilitadores de estórias digitais e ativistas no qual ela vê muito potencial.

A seguir apresento alguns exemplos de como Donna Haraway utiliza a Especulação Fabulativa para divulgar ideias e conceitos com os quais imagina ser possível sonhar com um presente melhor e futuros possíveis a serem desenvolvidos por múltiplas mentes em sintonia com os desafios a serem enfrentados e entre si, colaborativamente.

No início do livro, a autora define um mundo semeado por ela chamado de Terrápolis. Ela diz:

Minha equação integral múltipla fabulada para Terrápolis é ao mesmo tempo uma história, uma fabulação especulativa e uma figura de barbante para uma semeadura de mundos multiespécies... Terrápolis é uma equação integral fictícia, uma fabulação especulativa. Terrápolis é um nicho n-dimensional para o desenvolvimento de multiespécies. Terrápolis é aberto, mundano, indeterminado e politemporal. Terrápolis é uma quimera de materiais, linguagens, histórias. Terrápolis é para espécies companheiras, *cum panis*, com pão, à mesa juntos - não "pós-humanos", mas "com-postos". Terrápolis está situada em seu lugar; Terrápolis abre oportunidade para companheiros inesperados. Terrápolis é uma equação para *guman*²⁴, para húmus, para solo, para infecção contínua e arriscada, para epidemias de problemas promissores, para permacultura. Terrápolis é o jogo SF de response-habilidade. (HARAWAY: 2016, p.10 e 11)

Terrápolis é o que a autora semeia com seus livros, com suas ideias e ações. É o desejo de fada-escritora-madrinha de um presente e futuros possíveis e improváveis onde todos os bichos (*critters*) sigam-com uns e outros compostando um rico húmus existencial. A premissa do exercício de fabulação especulativa do qual Donna, Vinciane e Fabrizio participaram consistia em fabular um bebê e de algum modo fazê-lo atravessar cinco gerações. Segundo a autora, os três fabulantes mais o personagem de

²³Stories for change. Disponível em: <https://storiesforchange.org.uk/> Acesso em 23/01/2022

²⁴*Guman* é a forma Proto germânica para *human* (humano) aqui pode ser interpretada como espécie companheira no húmus.

Camille tornaram-se co-presentes um para o outro e capacitaram-se mutuamente para o trabalho.

Uma influência importante para Haraway é sua colega de docência Anna Tsing, antropóloga na Universidade da Califórnia. Tsing nos incentiva a todos para que comecemos a desenvolver as artes de viver num planeta danificado com urgência. Ela e Donna inventaram a expressão Plantacioceno, que definiria o período em que o humano plantou com tal grau de escalabilidade e predação que arruinou a fertilidade do planeta. Anna também enfatiza que, entre as capacidades a serem adquiridas, devemos reimaginar o conceito de riqueza, aprender a cura prática ao invés da cura reintegrativa (cura dos efeitos para retorno ao antigo método e não das causas que levaram às sequelas) e aceitar as colaborações improváveis ao longo do processo. Ela explica como podemos superar os desastres do Antropoceno através do que chama de “diversidade contaminada” que é um conceito semelhante ao da compostagem:

Nosso tempo é o “Antropoceno”, a era da perturbação humana. O Antropoceno é uma era de extinção em massa, não devemos esquecer. Mas o Antropoceno também é uma era de emergências. O que emergiu? Eu uso o termo “diversidade contaminada” para referir-me a modos culturais e biológicos de vida que se desenvolveram em relação aos últimos milhares de anos de difusão da perturbação humana. Diversidade contaminada é adaptação colaborativa a ecossistemas de perturbação humana. Emerge como os detritos da destruição ambiental, da conquista imperial, dos fins lucrativos, do racismo e da norma autoritária — assim como do devir criativo. Nem sempre é bonita, mas é quem somos e o que temos disponível como parceria para uma terra habitável. (TSING: 2019, p.23)

2.6 Breves considerações sobre “As Estórias de Camille: crianças da composteira”²⁵.

Nas “Estórias de Camille” buscaremos inspiração de como é possível aplicar o conceito de fabulação especulativa. Sem a fabulação e a especulação coletiva de mentes multi, inter e transdisciplinares esse capítulo tão interessante e inspirador não teria acontecido. Ninguém, é claro, poderia ter resumido melhor do que a autora. Desse modo ficam estabelecidos os principais eixos em torno dos quais Camille se desenvolve dentro dessa fabulação. Ao invés de Camille atravessar de modo longo cinco gerações inteiras, temos cinco personagens chamados Camille que vivem cerca de cem anos, e

²⁵Tradução realizada pela autora desta monografia.

legam todo conhecimento e práticas adquiridos durante sua existência umas às outras em sequência.

As Estórias de Camille: Crianças da Composteira” fecham este livro. Este convite a uma fabulação especulativa coletiva segue cinco gerações de uma união simbiogênica entre uma criança humana e borboletas monarca ao longo do traçado das muitas linhas e nós das migrações desses insetos entre o México e Estados Unidos e Canadá. Essas linhas traçam socialidades e materialidades cruciais para viver e morrer com criaturas à beira do desaparecimento para que eles possam continuar. Comprometidas em nutrir capacidades para responder, cultivando maneiras de tornar uns aos outros capazes, as Comunidades da Composteira apareceram em todo o mundo no início do século XXI em terras e águas arruinadas. Essas comunidades se comprometeram a ajudar a reduzir radicalmente o número de humanos por centenas de anos durante o desenvolvimento de práticas de justiça ambiental multiespécies de inúmeros tipos. Cada nova criança teve pelo menos três pais humanos; e a mãe grávida exerceu sua liberdade reprodutiva através da escolha de um animal simbiote para a criança, uma escolha que se ramificou pelas gerações de todas as espécies. As relações de pessoas simbiogênicas e humanos não unidos trouxeram muitas surpresas, algumas delas mortais, mas talvez as mais profundas surpresas tenham emergido das relações entre os vivos e os mortos, em uma complexidade symanimagênica, através dos holobiomas da Terra. Muitos incômodos, muitos parentes para seguir-com.” (HARAWAY: 2016, p.8)

A primeira Camille: Nascida em 2025 e falecida em 2100.

Camille número um nasce de sua mãe biológica através de uma decisão consciente desta, num momento em que inúmeras comunidades estão surgindo no planeta. É um momento delicado em que o planeta está precisando diminuir a densidade populacional que está depletando os recursos naturais, os números de humanos estão em oito bilhões e progredindo para dez bilhões. A meta é diminuir o número de humanos para três bilhões em cerca de quatrocentos anos. A iniciativa visa cuidar dos estragos causados pelo período de atividades humanas. Por causa disso, o lema é: “Façam parentes, não façam bebês”, e a escolha de ter filhos biológicos, ou não, não é questionada, mas é cuidadosamente pensada.

Os Filhos da Composteira insistem que precisamos escrever histórias e viver para florescer e para abundância, especialmente nas garras da fúria da destruição e do empobrecimento...Os Filhos da Composteira querem que as Histórias de Camille sejam um projeto piloto, um modelo, um objeto de trabalho e lazer, para compor projetos coletivos, não apenas na imaginação, mas verdadeiramente na história escrita. E também sobre e sob o solo. (HARAWAY: 2016, p.136)

Existe uma energia de ativismo e cura direcionada para todas as instâncias lesionadas do planeta que inclui todos os seres, *critters*, que fazem parte dessa existência conturbada pelos erros dos seus antecessores.

As Comunidades da Composteira não pensam em abandonar locais onde a sobrevivência está difícil, extinta ou perturbada. Sob nenhum aspecto consideram que algo está imprestável, pelo contrário, todos lutam para reabilitar de qualquer modo os locais onde estão, sem abandonar nada. Não há nenhuma hierarquia de castas ou distinção de classe, gênero, cor da pele, secularismo ou religião. Os seres co-existem num determinado local de modo a recuperar e incentivar o reflorescimento da vida. Os parentescos assim como as figuras de corda/barbante, são feitos, refeitos, atados e desatados conforme a necessidade.

À pessoa de qualquer gênero (não é necessário ser feminino) que decidir trazer um novo bebê ao mundo é atribuído o dever de escolher um ser de outra espécie, em risco de extinção, para que haja a simbiogênese com esta criança, a qual nascerá com genes desta. Além do parente biológico, cada bebê sym tem mais dois pais que cooperam nos seus cuidados. Assim Camille recebeu genes de borboletas-monarca e essa escolha se deve ao fato de que seus pais se encontravam no corredor migratório desta espécie ameaçada. Camille é um sym ou bebê simbiote com as borboletas, que nasceu sem gênero pré-determinado, pois isso é definido somente após seu crescimento e época em que se dá a maturidade sexual.

Camille desenvolve em si algumas das características da espécie com a qual é simbiote conforme vai crescendo e se relaciona tanto com crianças e adolescentes syms como ela como com adolescentes exclusivamente humanos, ou não-syms. No trecho abaixo está exemplificado como a simbiose é usada pela autora para enfatizar a colaboração coletiva entre seres de diferentes espécies para que todos possam viver juntos e bem.

Os Filhos da Composteira vêem as espécies compartilhadas como húmus, em vez de humana ou não humana. O núcleo da educação de cada nova criança é aprender a viver em simbiose, e quanto a nutrir o simbiote animal, e todos os outros seres, o simbiote requer, continuidade por pelo menos cinco gerações humanas. Nutrir o simbiote animal também significa ser alimentado por ele, bem como inventar práticas de cuidado dos eus simbióticos ramificados. O humano e os simbiotes animais mantêm os ciclos da vida mortal em andamento, ambos herdando e inventando práticas de recuperação,

sobrevivência e florescimento...Juntas e separadamente, as ciências e as artes são praticadas com paixão e ampliadas como meio de sintonizar comunidades de naturezas-culturas ecológicas em rápida evolução, incluindo pessoas, para viver e morrer bem através dos séculos perigosos de mudanças climáticas irreversíveis e taxas de extinção contínuas e altas além outros incômodos. (HARAWAY: 2016, p.140)

Podemos constatar como os conceitos do glossário aparecem com e sem menção literal, e podem ser identificados fluindo pelas práticas descritas pelas Comunidades de Composteira. A autora enfatiza que as crianças das Comunidades eram intelectual e emocionalmente alimentadas pela contação de histórias. As crianças, adolescentes e adultos formam um laço muito forte com as histórias que ouvem, influenciando suas ações futuras em nível de formativo.

Nos primeiros cem anos da prática de simbiogênese com crianças com este perfil vieram ao mundo geneticamente unidas a outras espécies diferentes como pássaros, peixes e crustáceos. Os adultos da comunidade não conseguem desenvolver a simbiogênese, ficando claro para os cientistas que a fase desde o desenvolvimento embrionário até a fase adulta é fundamental para que o processo seja fisiológico, natural, para o simbiote.

As próximas “Camille” vão progressivamente sendo mais especuladas pela autora dentro da premissa inicial, porém evoluindo sempre de maneiras que não são necessariamente eutópicas ou utópicas. E Donna Haraway deixa muitas figuras de corda a serem modificadas, muitos nós a serem desmanchados e fios a serem puxados para que os que vêm depois possam seguir com o incômodo. O objetivo é nunca desistir de continuar o processo de viver e morrer bem, ou o melhor possível diante das circunstâncias dadas.

A segunda Camille: Nascida em 2085 e falecida em 2185.

A segunda Camille recebeu orientações da primeira Camille, sua mentora durante os primeiros quinze anos de sua vida. A primeira passou todas as suas experiências e aprendizados para que a segunda já pudesse iniciar sua jornada de um ponto além daquele do da primeira. Uma maneira inteligente de evoluir aprendendo a acumular a vivência ancestral de sua predecessora.

A passagem especulativa sobre a segunda Camille é marcada por sua migração para o México, sobre como seus genes ancestrais demandam e seu encontro com o povo

Mazahua e o Exército de Mulheres Zapatistas, onde os mortos têm uma participação importante na Comunidade da Composteira local. Nesse período, Camille entra num paradigma totalmente diferente do seu em Nova Gales seu local de nascimento.

Camille dois que tem modificações corporais externas distintas com relação à sua antecessora, como uma barba, se vê colocada numa situação em que seu interior também precisa de atualização e adaptação para poder contribuir com as terras e águas arruinadas que encontra em sua migração.

A autora mostra como a ancestralidade é importante, como o conhecimento passado de geração para geração contribui para a formação dos novos adultos, mas também deixa claro que necessário é estar aberto para o novo, para paradigmas diferentes daqueles com que crescemos, para que se possa seguir com a compostagem, para seguir fazendo as figuras de corda, para dar continuidade.

A terceira Camille: Nascida em 2170 e falecida em 2270

Durante o período de vida da terceira Camille, dois terços dos seres das Comunidades da Composteira eram simbiotes e mesmo aqueles que não haviam passado pelo processo de simbiogênese estavam fortemente envolvidos na atividade de compostagem. A extinção em massa dos humanos causada pelo Antropoceno, Plantacioceno e Capitaloceno ainda estava em curso com incontáveis baixas. Mas apesar disso, ainda era necessário reduzir muito o número de seres que estavam usando os recursos naturais que ainda existiam. A meta de reduzir o número de nascimentos estava sempre em pauta e com urgência crescente pois os recursos naturais esvaíam-se rapidamente.

A tarefa de Camille número três estava muito associada à reinvenção de uma nova forma de convivência na sociedade. Novamente, nesse trecho, a questão do parentesco improvável aparece na especulação da autora como uma forma de guiar o pensamento através das múltiplas expressões de simbiogênese que perfaziam a maioria dos seres.

A quarta Camille: Nascida em 2255 e falecida em 2355

Durante o período de vida da quarta Camille as borboletas-monarca e outras espécies estão sendo dizimadas por pestes de fungos e vírus. Ela percebe que precisa

deixar um diário para a quinta Camille explicando que dentro das novas circunstâncias novos caminhos são necessários. Muitos seres anteriormente criados em simbiogênese haviam sido perdidos, extintos, e ela teria uma tarefa difícil pela frente. Era necessário instruir a quinta Camille a falar por aqueles que haviam partido através de práticas aprendidas por gerações de compostistas, composteiros. Precisava ensinar à sua sucessora como passar a voz do conhecimento ancestral adiante. A quarta Camille usa práticas chamadas de anímicas, uma invocação dos espíritos dos mortos, para que essas vozes sejam ouvidas. Esse é o trabalho que marca a existência da quarta Camille: trazer para a escuta da vida o conhecimento dos mortos.

A quinta Camille: Nascida em 2340 e falecida em 2425

Nesse período metade das espécies existentes em 2015 já entrou em extinção. Camille cinco tem como missão quase que exclusivamente dar uma voz para os que morreram, uma memória ativa para que os que ficaram não percam a esperança. Ela volta aos Mazahua e busca vivenciar suas práticas como suas ancestrais o fizeram antes dela. Aqueles que têm a tarefa de serem os Oradores dos Mortos, buscam libertar as energias do Chthuluceno passado, presente e futuro e suas simpoieses para que a prática da compostagem possa continuar num mundo que floresça.

É preciso lembrar que embora a autora tenha escrito este capítulo do livro sozinha, toda especulação inicial tem a colaboração de seus parceiros em Cerisy. Ela não deixa claro quem sugeriu o quê. E nem seria esperado que o fizesse, já que a escrita coletiva é uma composteira em si mesma, misturando tudo, fazendo e desfazendo nós e figuras de corda, sempre visando o bem coletivo, seguindo em frente.

Para ler o capítulo oito é necessário que o pacto ficcional seja abraçado da mesma maneira que em qualquer outro tipo de ficção ou fabulação. Como estamos em 2021, seria muito improvável crer na possibilidade de bebês desenvolvidos em simbiogênese com outra espécie daqui a quatro anos. Não que a ciência esteja muito distante da técnica, muito pelo contrário. O Antropoceno avançou muito na tecnologia, e algumas pesquisas envolvendo manipulação genética já acontecem com propósitos e ideais elevados pensando na cura de doenças crônicas e graves, enquanto outras evoluem com intenções muito sinistras que podem levar a um novo tipo de Eugenia. Com muito trabalho e recursos envolvidos no processo, não é de todo inverossímil que essa possibilidade esteja mais próxima do que se imagina.

Porém, existe todo um sistema político-econômico-social-cultural-religioso no planeta que poderia dominar a técnica para usos impensáveis, os quais arrastariam os seres deste mundo para um nível ainda mais destrutivo do que podemos vislumbrar. Por isso, enfatizo a importância do pacto ficcional. Vamos aceitar que a simbiogênese existe e que está cumprindo a função a que se propôs sem desvios, como nos conta a autora. Em toda especulação há um “e se”, e é prerrogativa do especulador decidir se quer seguir com a ideia ou se retrocede.

A especulação também serve para levantarmos questões acerca de situações hipotéticas, para nos obrigarmos a ponderar, por mais incômodo que isso seja. Donna Haraway fala na “tentação da inocência”, que é o ato de manter um alheamento conveniente às questões mais piroclásticas do momento. Não há tempo, não há espaço, não há nada que justifique esse niilismo. Precisamos seguir com pensamentos tentaculares profundos, o que significa que vamos avaliar o que está sendo feito pelo mundo, mas principalmente o que cada um tem feito no mundo. Sair do buraco do próprio umbigo e pousar com reverência no umbigo alheio para saber como é estar-com. Não há eutopia, distopia ou utopia que não traga material de discussão, e é da discussão que o planeta, os seres e o clima precisam. Deve ser uma discussão engajada na proposição de alternativas que contemplem a melhor situação alcançável para todos os envolvidos seguirem-com.

Fabular com o terrível é especular possíveis curas, fabular com o perfeito é especular desdobramentos inimaginados. Nada se perde dentro de uma boa história, defendo que o capítulo “As Estórias de Camille” contém altas aspirações e ao mesmo tempo expõe de forma interessante muitas questões que não estão escritas. O leitor é quem vai percebê-las. Aqui resgatamos o conceito criado por Guilherme Preger apresentada anteriormente, de que na fabulação especulativa existe um observador cuja mera presença orienta a trajetória da narrativa, como por exemplo, faz o elétron na Física Quântica, e cuja existência é indispensável ao processo de formação da matéria. Podemos fazer uma analogia com o ponto de vista do narrador e o entendimento do leitor na fabulação especulativa têm potencial para direcionar o resultado do imaginado por ambos. Resultado esse que potencialmente pode vir a se concretizar na prática quando uma ideia fabulada e especulada se torna realidade.

Uma Bolsa de Transporte de Ficção não tem só remédios, comida e histórias bonitas, também traz coisas que parecem inúteis, mas que se mostram indispensáveis, farelos arqueológicos de tudo que rolou dentro dela compostando um húmus diferente, e é infinitamente grande, magicamente inclusiva, apesar de perfeitamente portátil e leve.

Não há por que tentar explicar ou entender “As Estórias de Camille”, o convite é para fabular com elas, ou a partir delas, ou inventar uma outra especulação fabulativa que não tenha nada a ver com elas. Mas que sirvam de inspiração, que mostrem que essa fabulação especulativa não só é possível, mas desejável. Que o bater das asas destas borboletas repercutam, percorrendo todo o planeta, trazendo conexões insuspeitadas e resultados positivos e inesperados dentro da consciência ecológica coletiva.

No terceiro capítulo será discutida uma possível forma de abordagem para difundir a prática de Especulação Fabulativa em espaços educacionais, sejam eles formais ou não. Todas as técnicas, métodos citados aqui e outros ainda, farão parte da especulação sobre como oferecer a oportunidade de co-operar, seguir-com, aqueles que desejarem através de seus pensamentos tentaculares de forma multi, inter e transdisciplinares, usarem sua Bolsa de Transporte de Ficção para fabular.

CAPÍTULO 3- Semear mundos através dos sonhos na prática da fabulação especulativa

3.1 O ensino como prática e suas repercussões: proposição

Antes de mais nada, gostaria de deixar claro que este trabalho nunca teve a pretensão de diagnosticar os problemas no ensino público ou privado em qualquer nível desde a pré-escola até a pós-graduação em qualquer cultura ou país. A proposição deste capítulo também não está sendo apresentada como solução para quaisquer questões que alguém possa levantar a respeito do ensino.

O único objetivo em apresentar um recurso pedagógico possível é contribuir de alguma maneira para abrir uma discussão de forma fluida, sem uma formatação rígida, para que os participantes possam dar vazão à especulação na sua fabulação. O ato de fabular especulando, que pode ser apresentado em qualquer formato de escrita ou mídia, pode se tornar um fator agregador do coletivo congregando a diversidade em prol de um pensamento comum a respeito de temas de interesse sem uma formatação muito rígida que pretenda atender parâmetros curriculares como por exemplo a necessidade de treinar para um vestibular. Não é sobre isso, não existe competição e nem avaliação embutida nessa proposta. A ideia é a colaboração, a cooperação da diversidade de mentes e saberes, para sonhar e inventar presentes e futuros que eventualmente possam ser oportunidade de melhora, de seguir com o incômodo, de solução ou reinvenção.

A Ciência é uma língua, *per se*, que poderia ter sido usada para demonstrar essa conexão entres os seres, o planeta e o Universo mesmo nos tempos atuais. Mas o surgimento de outra língua derivada dela, que não percebeu que os espaços vazios entre as coisas na verdade não estão vazios, estão cheios de conexões, emaranhamentos, fios, tecidos, figuras-de-corda, levou a uma divisão. Essa língua, a ciência cartesiana, viu tudo separado, e passou a descrever o mundo como algo cheio de espaços vazios, desligados dos seres e da natureza, e passou a lidar neste modo desconexo nas suas teses e experimentos. Quando um fazendeiro desmata e é infectado por um arbovírus, um vírus que inicialmente estava somente na mata e em equilíbrio, acaba migrando do seu habitat natural para outros habitats e passa a infectar hospedeiros novos. A ciência não vê o problema no desmatamento, vê apenas a infecção no fazendeiro, e não busca recuperar o desmatamento para reestabelecer o equilíbrio, ela trata a doença do homem causada pelo arbovírus. É uma solução paliativa e pontual que não elimina o

desequilíbrio e leva à repetição do problema continuamente. Isso é algo que os indígenas sempre souberam, especialmente os ancestrais: os povos originários nas Américas e seus equivalentes em outras partes do mundo. Eles passaram adiante esse conhecimento e procuraram introduzir os fundamentos dessa ideia em suas vilas, aldeias e entre seus pares. Ao invés de procurar explorar essa conexão de forma predatória, eles buscaram obter convivência sustentável e harmoniosa com todos os seres e transmitir os modos de viver e morrer bem, a respeitar e a ancestralidade e utilizar seus conhecimentos se necessário. Ensinarão aos descendentes que a natureza tem uma linguagem própria e que deve ser ouvida para ser aprendida, que não existe supremacia, mas apenas um viver-com.

A Ciência que está em transformação, é uma língua derivada de um tronco ancestral e perdeu tanto de seu propósito original que está hoje atrasando o seu próprio desenvolvimento e de outras línguas tão necessárias ou até mais necessárias para o exercício do estudo científico. Sem a flexibilidade para manter-se como uma língua viva, de acordo com a história natural das línguas, a tendência é entrar em desuso, e quando o último falante insistente morrer, ela morrerá junto.

Voltando à importância do observador, descrito como o ponto de vista bilíngue (dos falantes das “diferentes ciências cartesianas”) de C.P Snow e o ponto de vista da física de G. Preger, faz-se imperativo que os olhos de todos estejam voltados uns para os outros, para as conexões que ocorrem e correm nas múltiplas direções. A observação muda o efeito, a consequência, o resultado, é em si propulsora de vida, é o primeiro passo para a imaginação especulativa, compreensiva do emaranhamento existente, atento às línguas que precisam ser ouvidas, aprendidas e promove a flexibilidade necessária para que interações sejam acordos e não disputas. Porque não estamos em extinção, estamos em transformação e em direção a novas formas de com-vivência. O observador é o nosso especulador, o fabulante.

Muito cedo, a escola convencional busca enquadrar em modelos ultrapassados qualquer mente que esteja disposta a questionar o modelo em uso. Os alunos que descobrem que podem buscar uma TAZ ou Zona Autônoma Temporária, citando uma metáfora adaptada das ideias de Hakim Bey, para desenvolverem suas experiências acadêmicas, correm o risco de serem reprovados ou considerados inaptos por falta de enquadramento na tradição pedagógica em vigor. As discussões em sala de aula não

costumam ser promovidas, a não ser no formato de “trabalho em grupo” que costuma ser uma ferramenta pouco eficiente para que todos aprendam, já que, em geral um ou dois fazem e o resto assina o trabalho. Geralmente, a discussão em grupo que é voltada para o ato de pensar e depois escrever, deveria proporcionar o nascimento de ideias novas, mas não costuma atingir essa meta. De sua parte, o professor espera que o trabalho seja um reflexo do que ele solicitou ao grupo, para que possa avaliar se a matéria foi adequadamente assimilada pelo aluno. Em *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão* (2012), Paula Sibília, antropóloga e escritora argentina, faz sua crítica a essa questão:

Fica claro que a escola é uma tecnologia de época. Ainda que hoje pareça tão "natural", algo cuja inexistência seria inimaginável, o certo é que essa instituição nem sempre existiu na ordem de uma eternidade improvável, como a água e o ar, tampouco como as ideias de criança, infância, filho ou aluno, igualmente naturalizadas, mas também passíveis de historicidade. Ao contrário: o regime escolar foi inventado algum tempo atrás em uma cultura bem definida, isto é, numa confluência espaço temporal concreta e identificável, diríamos até que recente demais para ter se arraigado a ponto de se tornar inquestionável. (SIBILIA: 2012, p.16)

É infrequente que seja oferecido um espaço para debate e especulação após a entrega dos trabalhos de grupo, o qual poderia não só demonstrar como a experiência coletiva pode ser rica e divertida, mas exemplificar como se dá o funcionamento de um trabalho em grupo produtivo, e também suprir as possíveis lacunas que possam ter ficado de uma experiência incompleta.

De modo geral, o sistema de ensino no qual as escolas costumam estar inseridas é pautado por uma série de índices e metas que devem ser alcançados a cada ano, e o que conta no final é quantos alunos conseguem passar pelo funil muito estreito da graduação completa. Um desses indicadores, por exemplo, é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), criado em 2007, que reúne os resultados dos índices de fluxo escolar e médias de desempenho nas avaliações²⁶.

Não existe um método de ensino que seja “tamanho único”, e por isso é tão importante que, embora o sistema de ensino não coopere para que a sua formatação seja mais flexível exista espaço para fabulação e especulação. Coletivizar um tema como as mudanças climáticas, por exemplo, e adaptar a proposta pedagógica para que a

²⁶ Mais informações sobre o IDEB: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb> Acesso em 24/01/2022

discussão em torno dele seja especulativa, é fundamental para a conscientização em torno dele. A proposição de incluir no processo a elaboração de uma história, coletiva ou não, mas partindo de uma discussão coletiva, é a proposta pedagógica desta monografia que toma como inspiração as “Estórias de Camille” e o evento que deu origem a elas.

O objetivo é que a especulação e a fabulação sejam incluídas de modo rotineiro, e não extraordinário, no currículo de qualquer nível acadêmico, e que oficinas sejam oferecidas inclusive fora do contexto acadêmico para qualquer pessoa interessada. Porque é necessário que as conexões invisíveis entre os seres sejam percebidas, figuras-de-corda sejam inventadas e a compostagem ocorra. Precisamos seguir com o incômodo através de observadores atentos à língua do planeta e de todos que habitam nele. É necessário educar esses observadores através do estímulo à sensibilidade não necessariamente proprioceptiva, mas também intuitiva. Ensinar os observadores a usarem a oralidade para a construção e adaptação, para resgate da ancestralidade pertinente ao incômodo e não para as disputas estéreis, é imperativo.

Dentro do contexto de pesquisa, tudo descrito acima pode e deve ser aplicado. Esse trabalho é realizado no contexto do curso de Bacharelado em Letras, mas sempre podemos estender uma ideia além da fronteira da pesquisa universitária. O conceito pode ser utilizado em qualquer nível de ensino regular, ou de oficinas eventuais que promovam vivências de fabulação especulativa.

Além da inclusão de livros de Donna Haraway e seus colegas de pensamento nas ementas e referências bibliográficas de cursos universitários, a proposta é trazer para dentro da academia a oportunidade de realizar, através da fabulação especulativa, uma escrita colaborativa entre membros (alunos, professores e pós-graduandos) de faculdades de cursos e centros diferentes, realizando a inter, trans e multidisciplinaridade com uma desconstrução dos nichos científicos em que os saberes especializados se isolam, trazendo à luz do coletivo tesouros que combinados seriam sinérgicos como potência transformadora. Poderia ser um modo de criar as condições necessárias para que seja desenvolvida a prática de pensar-com o outro. Um outro que não pertença necessariamente à mesma esfera de saberes e habilidades que o seu grupo. Um grupo que seja eclético e livre para sonhar ideias inventadas, como nos recomenda Ailton Krenak, e escrevê-las sem regras engessadas e sem a necessidade de uma

aprovação no sentido de avaliação acadêmica. Que os participantes possam escrever para expressar possibilidades, criar potencialidades inexistentes e assim quem sabe, gerar ideias para benefício de todos. Ideias compostadas, cocriadas, inter, multi e/ou transdisciplinares, inéditas, inspiradoras como as das “Estórias de Camille”.

Os textos não devem ser sugeridos em gêneros pré-determinados ou em formatos consagrados com mera finalidade de inclusão em uma categoria. Contos, crônicas, poemas, romances, teatro, músicas, quadrinhos, filmes curtos e longos, projetos audiovisuais, fanfics, spin-offs e quaisquer outras mídias disponíveis são válidas e podem se misturar. A expressão deve ser o mais livre possível dentro da possibilidade em ser, de fato, executada pelo proponente dentro da vivência de fabulação especulativa. É necessário levar em consideração a condição dos participantes com relação aos recursos pessoais e aos recursos disponibilizados no local do evento, seja nos espaços de ensino formal ou informal. É importante ponderar que histórias contarão histórias, como enfatiza Donna Haraway, por isso a escolha do tema deve ser elaborada com discernimento e consciência pelo grupo.

Para a proposição desta monografia, buscando exemplificar o que poderia ser uma Oficina de Fabulação Especulativa (OFE), e mesmo outros modos de introduzir o método de Donna Haraway acompanhado da Bolsa de Transporte de Ficção de Ursula Le Guin, foi elaborado um projeto de implementação da oficina de fabulação especulativa a ser realizado, em média, com doze horas de carga horária. Há muitas formas de estruturar esse projeto e discutiremos algumas dessas possibilidades abaixo.

3.2 Estrutura das oficinas de escrita e possíveis técnicas a serem aplicadas

A fabulação especulativa, a contação de histórias, pode ocorrer em oficinas sazonais, cursos de extensão, e até mesmo em eventos anuais em ritmo de maratona. Esta oficina pode ser oferecida por professores de qualquer curso universitário, para uma formação em OFE que habilite outros professores a aplicar a prática, os quais se tornariam os facilitadores nos processos dos cursos ou oficinas.

A iniciativa poderia começar da mesma maneira como ocorreu o encontro em Cerisy que deu origem às “Estórias de Camille”. Um grupo de professores poderia se reunir e realizar uma OFE para ter a experiência, conhecer as necessidades logísticas, os

problemas que eventualmente poderiam surgir, e com isso realizarem sua própria formação, para depois tornarem-se facilitadores de novos grupos de professores, disseminando assim, a prática de FE. A introdução de leituras e discussão em classe dos livros e materiais publicados por Donna Haraway e seus pares, além de outros autores correlatos, na ementa dos cursos regulares na academia, poderia facilitar a implementação da base teórica necessária para a formação desse grupo inicial.

Além das oficinas, os cursos de extensão e as maratonas sazonais de escrita podem ser desenvolvidos e oferecidos na Faculdade de Letras ou qualquer outra. E até mesmo em qualquer período da vida acadêmica incluindo os Ensinos Fundamental e Médio com as devidas adequações e ajustes necessários aos alunos. Maratonas sazonais de escrita já existem e são populares no ambiente virtual através de sites onde o interessado pode se inscrever como por exemplo o *NaNoWriMo*²⁷ (*National Novel Writing Month*) que já tem uma versão brasileira e o *Inkspired*²⁸. Ambos os sites incentivam a escrita tanto no modo coletivo como no individual.

A maratona é um período (mês, semana) dedicado ao desenvolvimento de um texto. Essa prática é repetida todos os anos na mesma época e pode envolver o mesmo grupo do ano anterior ou não. Também pode ocorrer no contexto de desenvolvimento de qualquer outro tipo de mídia ou ação performática como festivais de música, audiovisuais, instalações, teatro e performances. Todas essas mídias podem fazer parte de uma OFE.

Trabalhar com a especulação oferece aos estudantes a possibilidade de desenvolver a escrita, leitura, a criatividade e o exercício do pensamento crítico, de modo interdisciplinar. Num tempo em que está tão difícil sonhar acordado, engendrar e semear mundos na escrita, pode dar esperança e surpreender com uma colheita farta, variada e conscientizada, tal como indica Haraway: “mundificar é revelar a história de espécies companheiras para além de sua diversidade implacável e problemas urgentes.” (HARAWAY: 2016, p.118)

²⁷ <https://nanowrimo.org/>

²⁸ <https://getinkspired.com/pt/>

3.3 Proposta pedagógica

A escrita especulativa tem crescido substancialmente como uma modalidade à parte dentro das universidades do mundo todo. Trata-se de um exercício de construção, geralmente de escrita colaborativa síncrona e/ou assíncrona, onde alguém ou um grupo de pessoas se reúne em torno de um tema comum e recorrem a seus conhecimentos em suas áreas de atuação para construir realidades paralelas. É preciso ensinar a pensar, a fabular, e como diria a autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense bell hooks (2013), “a transgredir”. Transgressão não envolve violência, pois é através dos recursos legais, do mundo das ideias que buscam comprometimento e parceria, que saímos do domínio da opinião para conquistar um espaço igualitário, florescente e habitável. Como aluna, poderia fazer minhas as palavras de hooks, abaixo:

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo. Ao longo de meus muitos anos como aluna e professora, fui inspirada sobretudo por aqueles professores que tiveram coragem de transgredir as fronteiras que fecham cada aluno numa abordagem do aprendizado como uma rotina de linha de produção. Esses professores se aproximam dos alunos com a vontade e o desejo de responder ao ser único de cada um, mesmo que a situação não permita o pleno surgimento de uma relação baseada no reconhecimento mútuo. Por outro lado, a possibilidade desse reconhecimento está sempre presente. (hooks: 2013, p.25)

Se a todos for oferecido ao menos uma oportunidade de bater suas asas, quantos novos eventos ocorrerão? Quantas oportunidades serão geradas para encontrarmos novos meios de seguir com qualquer incômodo?

Por isso, a proposição é a criação de uma Oficina de Fabulação Especulativa direcionada a pessoas interessadas em escrever, ou mesmo usar outras mídias e formas de arte, para expressar suas ideias. Ela pode ser desenvolvida a partir da proposta de exercícios coletivos e individuais de criação que contemplem ideias com conteúdo ao mesmo tempo crítico e inovador, que indiquem possibilidades no campo especulativo para a abordagem de velhos e novos modos de ser no mundo, qualquer que seja ele.

O objetivo é oferecer uma experiência de abertura para as possibilidades da escrita em pensar com o meio ambiente, com os problemas de clima, etnia, gênero e com as pautas reivindicatórias das minorias. É também demonstrar que é possível conviver com os incômodos e situações marginais através do uso da imaginação aplicada ao universo em que se está, “viver nas ruínas” com Anna Tsing, se for o caso. No caso do texto fabulado, levar a vivência para o personagem e seu contexto e, no caso dos autores participantes semear um novo olhar que cresça e floresça no devir da vida prática de todos. Exercitar a contribuição para o coletivo através da elaboração do texto comum, como foi feito nas “Estórias de Camille”, e estimular a fazer-com, a viver-com.

A escritora bell hooks tem uma opinião bastante clara com relação às mudanças necessárias ao sistema de ensino:

Se realmente queremos criar uma atmosfera cultural em que os preconceitos possam ser questionados e modificados, todos os atos de cruzar fronteiras devem ser vistos como válidos e legítimos. Isso não significa que não sejam sujeitos a críticas ou questionamentos críticos ou que não haja muitas ocasiões em que a entrada dos poderosos nos territórios dos impotentes serve para perpetuar as estruturas existentes. Esse risco, em última análise, é menos ameaçador que o apego e o apoio contínuos aos sistemas de dominação existentes, particularmente na medida em que afetam o ensino, como ensinamos e o que ensinamos. (hooks: 2019, p.175)

Que venham as críticas, os descontentamentos e as incompreensões. Não existe mudança que siga intocada e aceita por aqueles que vejam sua zona de conforto na manutenção do *status quo*. Não basta enfrentar os discordantes, é preciso educá-los. Os participantes precisam ser capacitados, inspirados e seduzidos pelas vantagens da transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ficção científica escrita no início do século passado, quando as noções de ecologia apenas desabrochavam, ainda não detinha o enfoque ambientalista necessário para o momento presente. Hoje é necessário um pensamento crítico e o foco especulativo para que haja o surgimento de novas teorias, as quais enriqueçam a discussão no âmbito multidisciplinar da questão não somente ecológica, mas também, animal, vegetal e mineral no amplo sentido de sociedade, cultura e política com relação a todos os seres e suas interrelações.

É importante criar este espaço novo na academia e fora dela, onde o aluno encontre estímulo para a escrita dentro desta característica especulativa. Introduzir autores que façam da inter, trans e multidisciplinaridade e do pensamento tentacular o seu método de escolha na narrativa, é ensejar um passo fundamental para seguir recontando histórias antigas e contando novas histórias. Oferecer a oportunidade de conhecimento de múltiplas formas de pensar e interagir, quebrando o padrão tradicional predominante dos envolvidos através da adoção de com-panheiros de estudos e escrita improváveis, engendra uma diversidade rica que poderá com-viver no presente de forma mais equilibrada numa situação mais justa para os seres. Pensar é preciso, pois estamos todos conectados.

Através da análise da fabulação especulativa realizada por Donna Haraway, vimos que existe uma maneira de trazer as técnicas que facilitem desenvolver ideias que permitam novos modos de ser-com os seres e o planeta para a escrita.

É possível conviver com a diferença, com a transformação, com um planeta explorado, com espécies sofridas, com conflitos e carências do mínimo para a subsistência. Através da especulação fabulativa podemos semear mundos que tenham potencial para florescer e talvez floresçam de fato.

Escrever de forma livre, especulando, inventando uma fábula para um tema como a questão das mudanças climáticas por exemplo, pode ser ao mesmo tempo uma atividade altamente educativa, tanto no sentido de treinamento da escrita, como também no aspecto não menos importante de incluir os participantes na discussão da questão. Sendo que, a partir da escrita pode-se tomar caminhos distintos de mídia, migrando para os audiovisuais, as performances, as instalações artísticas, música, poesia e muitas

outras formas de fabular especulativamente, ampliando assim, o alcance dessa ferramenta.

Essa prática é também uma forma lúdica ou mesmo catártica de lidar com a tensão geral que os seres e o planeta têm sofrido com as mudanças climáticas e as questões decorrentes do Antropoceno. Além de todos os possíveis benefícios citados, pode-se esperar que estas especulações gerem ideias que contribuam efetivamente para uma permanência no planeta de modo sustentável e equilibrado para todos os seres.

Para que isso seja possível, é necessário ter em mente que não podemos desistir nunca. Não existe *game-over* ou fim de jogo, tudo continua e seguimos juntos. É necessário entender que tudo do micro ao macro está conectado, mesmo que não vejamos os emaranhamentos com olhos físicos, eles estão lá. Uma borboleta monarca batendo suas asas pode produzir efeitos insuspeitados do outro lado do planeta. Não devemos abrir mão de pensar-com os outros por mais diferentes que sejam de nós. Isso implica ter atenção à língua que o outro fala, e ao cuidado para com o que ele volta a atenção dele.

Precisamos lembrar que sonhar é imprescindível. Sonhar dormindo, acordado ou em transe, tanto faz. Porque faz parte de dar voz aos pensamentos ctônicos e permitir que se expressem. Fabular, contar, cantar, poetizar, rimar, filmar, fotografar, pintar, desenhar, animar, teatralizar, escrever histórias a partir de histórias bem escolhidas, discernidas é fundamental. Sempre sem censura quanto à especulação. Porque até uma ideia ruim, numa boa história, ensina.

A leitura do capítulo oito do livro *Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene* nos mostra como cada Camille, em seu próprio tempo e com seus próprios desafios, seguiu com os incômodos com o apoio mútuo de sua comunidade e de outras comunidades, com todos os participantes envolvidos e comprometidos com o melhor resultado possível, o qual, sempre buscou contemplar as necessidades coletivas e individuais através do trabalho com atenção e colaboração. Sabemos que o coletivo tem um potencial maior que o individual, e que o ensino em qualquer faixa etária é importante para a formação de cidadãos que pensam. Porque pensar é absolutamente imprescindível. Quem não pensa não especula, e quem não especula vive pela obediência sem questionar sua vida. Portanto, é no ensino, na escola, nos cursos optativos ou não, que a ideia de fabular e especular pode ser introduzida com sucesso

para formar uma coletividade pensante e atuante de seres conectados entre si, com o planeta e com o universo, os quais, sigam uns com os outros no incômodo, na bonança, na fartura, na tragédia e na escassez, na transformação do presente com responsabilidade atenta às figuras-de-corda, aos emaranhamentos e aos nós com que é preciso trabalhar, para que sejamos todos, o húmus precioso do futuro.

Ainda não temos Donna Haraway e seus parceiros de academia nas ementas das universidades de todas as áreas de estudo, mas estamos trabalhando para que isso ocorra, e esta monografia faz parte da estratégia. É uma questão de tempo e divulgação.

Como já foi indicado, as oficinas podem ser oferecidas dentro e fora da universidade, ou escola, em modelos adaptados, e pode começar a qualquer momento. Para isso basta que existam interessados. Pessoalmente, acredito que existam.

A parte mais desafiadora desta monografia foi apresentar o trabalho de Donna Haraway de modo que um leitor que esteja interessado, porém não familiarizado com o assunto, compreenda o texto ao mesmo tempo em que é seduzido pela proposição, e desenvolva vontade de implementá-la e disseminá-la. Para facilitar a adesão de qualquer interessado que queira realizar cursos e/ou oficinas, ofereço em copyleft na seção ANEXOS um modelo de OFE, estruturada para um contexto universitário, onde um professor pode formar outros para as atividades.

Acredito nos métodos, nas técnicas e ideias apresentados neste trabalho e creio que existe o espaço para que tudo aconteça, e embora este seja um recorte muito modesto do vasto trabalho de Donna Haraway, espero ter contribuído de alguma maneira para incentivar outros alunos, professores e interessados a desenvolver uma OFE.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOT, P.; **História da Ecologia**, Ed. Campus, Rio de Janeiro, RJ, 1990.

ADSIT-MORRIS C.; **Restorying Environmental Education: Figurations, Fictions, and Feral Subjectivities**, Ed. Palgrave Macmillan, Nova Iorque, EUA, 2017.

ADSIT-MORRIS C.; **Bag-lady Storytelling: The Carrier-bag Theory of Fiction as Research Praxis. In: Restorying Environmental Education**. Curriculum Studies Worldwide, 2017. Palgrave Macmillan, Cham. Disponível em <https://link.springer.com/chapter/10.1007%2F978-3-319-48796-0_3> Acessado em: 22/11/2021

BEY, H.; **CAOS: Terrorismo Poético e Outros Crimes Exemplares**, Conrad Editora do Brasil, São Paulo, SP, 2003.

BEY, H.; **TAZ- Zona Autônoma Temporária**, Ed. Rukiak Ink, Jerusalem, Israel, 2013.

BUNZ, M., KAISER B.M., THIELI, K.; *Symptoms of the Planetary Condition: A Critical Vocabulary*, Ed. Meson Press, Alemanha, 2017.

COCCIA, E.; **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**, 1ªEd. Cultura e Barbárie/Martins Fontes Paulista, São Paulo, SP, 2018.

ESTEVES, C. M. P.; **Evolução da criação dos Parques Nacionais no Brasil**, trabalho de monografia, Seropédica, RJ, 2006.

FISHER, E.; **Woman's Creation: Sexual Evolution and the Shaping of Society**, Ed. McGraw-Hill, New York, 1979.

GUATTARI, F.; **As três ecologias**, Ed. Papirus, Campinas, SP, 1990.

HARAWAY, D. J.; **Simians, Cyborgs, and Women: The reinvention of nature**, Ed. Routledge, Nova Iorque, EUA, 1991.

HARAWAY, D. J.; KUNZRU, H., TADEU, T.; **Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano**, Autêntica Ed., Belo Horizonte, Tradução da 2ª Ed. : Tomaz Tadeu, 2000.

HARAWAY D., RETI, I., **Edges and Ecotones: Donna Haraway's Worlds at UCSC**, 2007. Disponível em: < <https://escholarship.org/uc/item/9h09r84h>> Acessado em: 20/06/2020

HARAWAY, D. J.; **Ficção Científica, Ficção Especulativa, Figuras de Corda, e Além**, Apud Ada: A Journal of Gender, New Media, and Technology, No.3, 2013.

HARAWAY, D. J.; **Habitando com o incômodo e fazendo parentesco no Chtulhuceno**, Ed. Duke University, EUA, 2016.

HARAWAY, D. J.; **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**, Cadernos Pagu (5), pp. 07-41, 1995.

HARAWAY, D. J.; **SF: Science Fiction, Speculative Fabulation, String Figures, So Far**, Ada: A Journal of Gender, New Media, and Technology, No.3. Tradução: Thiago Mota Cardoso e Luiza Dias Flores, 2013.

HARAWAY, D. J.; **Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective**, Feminist Studies, Vol. 14, No. 3, pp. 575-599, 1988.

HARAWAY, D. J.: **The Companion species manifesto – Dogs, people and significant otherness**, Prickly Paradigm Press, Chicago, EUA, 2003

HARAWAY, D. J.; **O manifesto das espécies companheiras- Cachorros, pessoas e alteridades significativas**, Ed. Bazar do Tempo, Rio de Janeiro, RJ, 2021.

HARI, Y.; **You are a cyborg**, 1997. Disponível em: < <https://www.wired.com/1997/02/ffharaway/>> Acessado em: 20/06/2021

HOOKS, B.; **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**, Ed. Martins Fontes, São Paulo, SP, 2013.

HUTCHINSON, G. E.; **O Teatro Ecológico e a Peça Evolucionária**, Yale University Press, New Haven, Conn., EUA, 1965.

HUTCHINSON, G. E.; “**A influência do meio ambiente**” **Apud Centennial Third Scientific Session**, Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America, Vol. 51, No. 5 (May 15, 1964), pp. 930-934. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/71911?origin=JSTOR-pdf>> Acessado em: 08/05/2014

IDEB, **Índice Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica**, Disponível em <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb>> Acessado 22/01/2022

JAYNE, C. F.; **String Figures and how to make them**, Ed. Dover, Nova Iorque, EUA, 1962. Fig.02

KRENAK, A.; **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, São Paulo, SP, 2019.

LE GUIN, U. K.; **The Carrier Bag Theory of Fiction**, Ed. Ignota, EUA, 2019.

MARIOTTI, H.; **Autopoiese, Cultura e Sociedade**, Universidade Federal da Paraíba, 1999. Disponível em <<http://www.dbm.ufpb.br/~marques/Artigos/Autopoiese.pdf>>, Acessado em: 03/10/2021

MARGULIS, L., SAGAN, D.; **Acquiring genomes: a theory of the origins of species**, Ed. Basic Books, Nova Iorque, EUA, 2002.

MARGULIS, L.; **Symbiotic planet: a new look at evolution**, Ed. Phoenix, Londres, Inglaterra, 1998.

MARGULIS, L.; **Symbiosis in Cell Evolution**, Ed. W. H. Freeman, São Francisco, EUA, 1981.

MARQUES, L.; **A greve global dos adolescentes pelo clima**, Jornal da Unicamp, 2019. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/luiz-marques/greve-global-dos-adolescentes-pelo-clima>>, Acessado em: 01/10/2021

OS MIL NOMES DE GAIA
<https://osmilnomesdegaia.files.wordpress.com/2014/07/position-paper-os-mil-nomes-de-gaia_port.pdf> Acesso em 08/12/2021

PREGER, G. F.; **Fábulas da ciência: discurso científico e fabulação especulativa**, Tese de doutorado em Letras - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2020.

SEHGAL, M.; “A Situated Metaphysics: Things, History, and Pragmatic Speculation Alfred North Whitehead” Apud **The Allure of things: Process and Object in Contemporary Philosophy**, Roland Faber, Andrew Goffey and Contributors, EUA, 2014.

Site do Senado.gov.br, Revista: **Em discussão Rio+20: o Senado na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável**, Disponível em <<http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/rio20/a-rio20/rio20-o-senado-na-conferencia-das-nacoes-unidas-sobre-desenvolvimento-sustentavel.aspx>> Acessado em: 01/10/2021

SIBILIA, P.; **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOARES, R. e MACHADO, W.; **O programa científico do Antropoceno**, Revista ESTUDOS AVANÇADOS 35 (101), 2021. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.018>> Acessado em: 02/12/2021

SNOW, C. P.; **As duas culturas e a Revolução Científica**, Ed. Cambridge, Nova Iorque, EUA, 1961.

TSING, A. L., **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**, Ed. Mil folhas do IEB, Brasília, 2019.

WHITEHEAD, A. N.; **A Ciência e o Mundo Moderno**, Ed. Paulus, São Paulo, SP, 2006.

WIAME, A.; **Gilles Deleuze and Donna Haraway on Fabulating the Earth**, Deleuze and Guattari Studies 12.4 (2018): 525–540, Ed. Universidade de Edimburgo, 2018.

Referências Bibliográficas de sites

Monism Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/monism/> Acesso em: 31/08/2021

Monismo, in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**, 2008-2021, Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/monismo> Acesso em: 01/09/2021

Dicionário Informal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/transmogrifica%c3%a7%c3%a3o/>

Acesso em: 28/09/2021

CAMBRIDGE DICTIONARY Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/transmogrification>

Acesso em: 01/10/2021

CORREIO DA UNESCO: Antropoceno, Capitaloceno

Disponível em <https://pt.unesco.org/courier/2018-2/um-glossario-o-antropoceno>
Acesso em 13/12/2021

DICIONÁRIO INFORMAL Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br>

Acesso em: 06/12/2021

DICIONÁRIO INFORMAL- Transmogrificação. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/transmogrifica%c3%a7%c3%a3o/> Acesso em: 28/09/2021

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2008-2021 - Monismo Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/monismo> Acesso em: 01/09/2021

EVOSITE - Disponível em: <https://evosite.ib.usp.br/history/endosym.shtml> Acesso em 06/12/2021

STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY- Monism. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/monism/> Acesso em: 31/08/2021

OS MIL NOMES DE GAIA Disponível em: <https://osmilnomesdegaia.eco.br/sobre/> Acesso em 08/12/2021

ANEXOS

Um possível modelo de Oficina de Fabulação Especulativa estruturada para um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) em contexto universitário

Sobre a OFE: Esta oficina tem como inspiração “As estórias de Camille e um formato parecido com as atividades de RPG (*Role Playing Game*), um tipo jogo interativo e imersivo, muito popular, que permite que a atividade seja completamente presencial ou virtual sem problemas. Isso permite que a OFE possa ser levada a uma sala de aula presencial em qualquer nível de ensino. Como é popular, os jovens costumam conhecer ou até mesmo são jogadores ativos facilitando a adesão ao processo.

REA e Licença: Este ANEXO é um Recurso Educacional Aberto (REA), distribuído com a Licença <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

1. Pode ser utilizado por qualquer pessoa interessada em reproduzir a OFE em um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) ou de modo presencial num espaço educacional.
2. Carga Horária : A oficina prevê uma carga horária de 12 horas de aulas síncronas com atividades práticas de laboratório de escrita e construção de conceitos, glossários e universos para cada equipe.
Cerca de oito horas são destinadas à atividades assíncronas individualmente, dividida entre os 4 módulos da oficina, completando 20 horas ao todo.
3. Atividades dos professores facilitadores: O facilitador é alguém que já teve a experiência como participante de uma OFE e que pode usar o modelo ao com o qual está familiarizado ou adaptar esse modelo para o contexto em que o evento ocorrerá. Seu papel fundamental é guiar os participantes dentro das possibilidades de execução do que eles se propuserem com o mínimo de interferência para que a espontaneidade prevaleça. No entanto, o facilitador pode e deve inspirar os participantes com material extra sugerido de acordo com a escolha do tema pelo grupo ou por um indivíduo. Também é necessário que o facilitador conheça minimamente as questões que envolvam temas polêmicos (se escolhidos) para que possa oferecer material de leitura e intermediar, sem influenciar, a discussão entre os participantes.

4. Participantes: No geral os grupos devem ser divididos com um total de 3 a 4 participantes por equipe. As oficinas podem acontecer com um número mínimo de 2 participantes e máximo de 16 participantes.
5. Exercícios e trabalhos: Não haverá avaliação no final da realização da oficina. Serão sugeridas leituras e haverá discussão de cada texto feita em conjunto pelo grupo da oficina no último módulo do curso. Não existe a demanda de entregar um projeto pronto, o mais importante é a discussão, a especulação, as ideias que surgem e a possibilidade de que a fabulação possa sempre ser continuada por quem se interessar.
6. Recursos Necessários: Os recursos necessários para uma OFE piloto realizado em AVA: Internet de banda larga, desktop/laptop/tablet e/ou celular com conexão com a internet. O participante deverá ter alguma familiaridade com o uso de plataformas de Ambiente Virtual de Aprendizagem. A plataforma principal para as atividades assíncronas poderá ser o Discord por exemplo, pois permite a organização de salas separadas.
7. Desenvolvimento: Será enviada aos estudantes uma *websérie* de 4 capítulos através de podcasts contendo instruções e esclarecimentos sobre as atividades assíncronas. A cada dia, durante a semana, um capítulo gravado com as informações será enviado aos participantes. Também serão usados e-mails para contato e comunicações gerais.

Exemplo de Programa da Oficina de Fabulação Especulativa no Discord:

Aula zero- com o Facilitador da OFE: Uma semana antes do Módulo 1

- Indicação dos comandos e navegação na(s) plataforma(s) necessárias ao curso

Proposta da Oficina, Objetivos Gerais, Conceitos Gerais

Módulo 1- Aula com Facilitador da OFE

- Introdução ao curso e objetivos

- Conceito de Fabulação Especulativa, possíveis abordagens, temas a serem escolhidos pelos participantes, sugestões do facilitador da OFE.

- Divisão dos grupos e atribuição das salas: na plataforma digital ou sala de eventos por sorteio e/ou afinidade
- Construção de personagens com facilitador da OFE
- Atribuição dos personagens e suas características (uso de dado virtual de 12 e 24 faces): Os atributos/características de cada personagem a ser desenvolvido serão previamente escolhidos e a pontuação de cada característica se transformará em virtude/defeito/fraqueza/força através de lance de dados de 12 e 24 faces conforme a escolha do participante.

Módulo 2

- Laboratório de escrita: tema (utopia, distopia, eutopia, mix etc.), estrutura (elaboração do contexto), trama geral
- Escrita individual de seu personagem pelo participante (desenvolvimento do personagem)
- Escrita coletiva por time (eleição de editor ou edição coletiva) onde personagens entram na narrativa.

Durante a semana o trabalho de desenvolvimento da narrativa segue coletivo na sala própria de cada time via Discord, de modo assíncrono. A separação em times em salas diferentes garante o ineditismo e a privacidade para a escrita do grupo.

Dia 1- Exercício assíncrono 1- Dê ao seu personagem mais uma característica dentre as que não foram escolhidas da lista de composição do Sábado passado. Pode ser qualquer uma nessa lista que caiba, a seu ver, no perfil do personagem com pontuação de sua escolha (atribua). Escreva um texto sobre um episódio breve da vida do personagem onde essa nova característica aparece. Pode ser fora da trama, mas dentro do contexto escolhido. Enviar aos facilitadores por e-mail.

Dia 2- Exercício assíncrono 2- Escreva um breve episódio onde seu personagem usa sua característica nova para resolver um problema. Pode usar as outras características, mas a nova deve predominar. Pode ser fora da trama, mas dentro do contexto escolhido. Enviar aos facilitadores por e-mail. O participante pode introduzir a nova característica no trabalho assíncrono da semana via Discord com seu time.

Dia 3- Exercício assíncrono 3- Dê ao seu personagem um bicho (*critter*) companheiro (animal, objeto, entidade, espírito, qualquer coisa) e descreva seus atributos e características. No caso, tanto o bicho companheiro deve estar em sinergia com a trama e contexto escolhidos pelo time. Lembrar que a oficina está terminando e as adições devem ajudar o grupo a compor a fabulação. Escreva um texto sobre o que o bicho companheiro, é, faz e/ou representa. Pode ser fora da trama, mas deve estar dentro do contexto escolhido, pois, pode continuar depois como uma ramificação da fabulação ou ser incorporada ao texto do grupo a escolher. Enviar aos facilitadores por e-mail.

Dia 4- Exercício assíncrono 4- Escreva um breve episódio onde seu personagem conta com a ajuda de seu “ser” companheiro para auxiliar na trama principal que está sendo desenvolvida assincronamente. O “ser” deve predominar na ação deste texto. Deve estar inserido na trama e dentro do contexto escolhido. Compartilhar na sala de escrita de seu time no Discord e discutir com todos, o seu e todos os textos de cada um. Enviar aos facilitadores por e-mail.

OBS: Todos os exercícios serão devolvidos analisados e serão discutidos com cada time privativamente.

Módulo 3

- Comentário sobre os exercícios assíncronos enviados aos facilitadores por e-mail na sala de cada equipe.
- Discussão de assuntos do conteúdo postado pelos participantes na sala de eventos ou no Canal #Geral (se a plataforma for digital ex: Discord) para todos
- Sessão de dúvidas na sala de eventos ou no Canal #Geral (se a plataforma for digital ex: Discord) para todos, quanto ao laboratório a seguir:

Laboratório com facilitadores da OFE

- Sessão final de edição: cada time em sua própria sala finalizará a fábula com o “ser” companheiro de cada personagem que o time conheceu via mensagem assíncrona (Discord – Sala de texto do time). A decisão é

coletiva quanto ao desempenho do “ser” companheiro de cada personagem na trama, todos escrevem, todos podem oferecer sugestões sobre todos os personagens e o grupo deve negociar as decisões em prol do texto coletivo sem privilegiar subjetividades.

Módulo 4 - Laboratório com facilitadores da OFE

- Retoques finais por equipe: Tempo para realizar as últimas mudanças rápidas como correção gramatical, por exemplo.

Final com facilitadores da OFE – Leitura e Discussão das Fabulações Especulativas

Decisão de manter em privado/copyright ou aberto/copyleft. Cada trabalho final será apresentado em videoconferência com todo o grupo participante da oficina, com uma sessão de comentários e perguntas no final, para cada time.

Com relação ao produto final, cada integrante do time passa a ter coautoria em igual proporção aos outros membros e o time poderá decidir sobre o uso privado ou não. A escolha é por equipe (votação entre equipes). Se for decidido por copyleft, é necessário optar se o material produzido pode ser colocado no blog da Oficina ou não.

Proceder à criação do Blog da Oficina de Fabulação Especulativa.

9. Configuração Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA): Sugestão de plataforma para atividades síncronas e assíncronas: qualquer uma que seja acessível, YouTube, Facebook, Instagram, Google Meet, Zoom, Jitsi, Meet, Mumble etc. para computador ou celular e as menos populares no Brasil como Telegram, Discord entre outras. Os possíveis canais de comunicação nessas plataformas devem ser criados e todos os materiais relativos ao curso devem estar disponíveis online.

10. Repositório para armazenamento e compartilhamento de materiais:

Sugestão: drive com as leituras, filmes, áudios e audiovisuais recomendados. Webséries 1, 2, 3 e 4 – Anchor ou outra plataforma de podcast – Gravar “Áudio prompts” para os exercícios assíncronos.

(N.T.) Observo que como o livro *Seguindo com o incômodo e fazendo parentesco no Chtulhuceno* ainda não se encontra traduzido até o momento, todas as traduções, inclusive de outros materiais não encontrados em língua portuguesa, foram realizadas através da leitura no original e são de minha autoria.